

**Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Psicologia
Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva**

**A influência das relações de apego entre pais e filhos na
compreensão das emoções pelos filhos**

Dissertação De Mestrado

Thaís Sampaio Furtado de Vasconcelos

**Recife
2013**

THAÏS SAMPAIO FURTADO DE VASCONCELOS

**A influência das relações de apego entre pais e filhos na
compreensão das emoções pelos filhos**

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-graduação em
Psicologia Cognitiva da Universidade
Federal de Pernambuco como parte
dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia
Cognitiva.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Roazzi

**Recife
2013**

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB-4 1291

- V331i Vasconcelos, Thais Sampaio Furtado de.
A influência das relações de apego entre pais e filhos na compreensão das emoções pelos filhos / Thais Sampaio Furtado de Vasconcelos. – Recife: O autor, 2013.
102 f. : il. ; 30 cm.
- Orientador: Prof. Dr. Antônio Roazzi.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, 2013.
Inclui referências e apêndices.
1. Psicologia cognitiva. 2. Pais e filhos. 3. Comportamento de apego em crianças. 4. Emoções. I. Roazzi, Antônio (Orientador). II. Título.
- 150 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2012-120)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Thaís Sampaio Furtado de Vasconcelos

“A influência das relações de apego entre pais e filhos na compreensão das emoções pelos filhos”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestre.
Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovado em: 23 de maio de 2013

Banca Examinadora

Dr. Antonio Roazzi
Instituição: U.F.PE

Assinatura:

Dra. Bianca Aruda Manchester de Queiroga
Instituição: U.F.PE

Assinatura:

Dr. Bruno Campello de Souza
Instituição: U.F.PE

Assinatura:

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu marido, Isaac, por ter acreditado em meus sonhos e por ter me apoiado em cada dificuldade nesses dois anos.

Agradecimentos

A *Deus*, que me deu força, coragem e inteligência para concluir mais esta etapa. A *Maria*, eterna mãe, por interceder junto a seu Filho por mim, segurando minha mão e dando o ânimo necessário para a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, *Celso* e *Lêda*, por terem me dado tudo, todo o amor, todo o carinho, todo o conforto, toda a possibilidade de estudos, por todo o sacrifício para que eu chegasse até aqui. Devo tudo a vocês, amor, respeito e admiração incondicionais.

Ao meu marido *Isaac*, pelo amor, pelo companheirismo, pela amizade, pela compreensão, pela ajuda, por não me deixar desistir, por me motivar. Por saber que estará ao meu lado sempre.

Ao meu orientador *Antonio Roazzi*, que mesmo sabendo da minha inexperiência em pesquisas e em psicologia, acreditou em mim, acreditou que eu era capaz.

Aos meus *irmãos*, que compreenderam a ausência, a falta de visitas e telefonemas. Que fizeram brincadeiras na hora certa e deram força quando foi preciso.

Ao *CNPQ* e a *CAPES*, pelo auxílio financeiro nestes anos.

Aos meus *amigos* do mestrado, verdadeiros apoios nas disciplinas, nas palavras de conforto, nas brincadeiras, na ajuda, enfim, em todo este processo.

RESUMO

A Compreensão das Emoções é um campo de estudo que cresce no interesse dos pesquisadores, dado sua capacidade de influenciar a interação social dos indivíduos. É na infância que a Compreensão das Emoções se desenvolve, atingindo seu auge por volta dos 11 anos de idade. O construto engloba o reconhecimento, o controle e a compreensão das emoções em si mesmo e nos outros. Muitos são os pesquisadores que investigam tal construto, muitas vezes estudando sua relação com outros. Neste caso, é possível se citar o Apego como um possível construto que influencia a Compreensão das Emoções pelas crianças, dado que o Apego é a primeira forma de interação do indivíduo, quando ele começará a compreender como suas ações e reações influenciam em suas relações com seu cuidador. O Apego foi estudado primeiramente por John Bowlby (1907-1990) em suas pesquisas na díade mãe-filho. O Apego se constitui como uma disposição em buscar proximidade e contato com uma figura específica, sendo o senso de segurança o aspecto central do Apego. Uma vez que o Apego se manifesta como a primeira forma de interação social do indivíduo, esta pesquisa teve por objetivo compreender como as relações de Apego dos pais com os filhos influenciam na Compreensão das Emoções dos filhos. Como participantes do estudo, 32 crianças da região metropolitana do Recife – PE foram selecionadas, com idade entre 4 e 6 anos. Os responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em que o anonimato foi garantido, dando permissão para a participação de seus filhos. As crianças responderam ao *Teste de Compreensão das Emoções* (TEC) e ao *Separation Anxiety Test* (SAT), ambos aplicados na escola em que as crianças foram selecionadas. Para analisar os dados foi utilizada a estatística descritiva, além de testes de *Qui-Quadrado* e Técnica dos Pontos. Para relacionar as variáveis, foram utilizadas análises multidimensionais, especificamente SSA (*Smallest Space Analysis*). Com este trabalho, espera-se ampliar, em âmbito nacional, as pesquisas na área de compreensão das emoções, tão escassas em nosso país, além de auxiliar na compreensão do desenvolvimento humano e na importância da influência dos pais na criação de seus filhos.

Palavras-chave: *compreensão das emoções, Apego, pais, filhos.*

ABSTRACT

The understanding of emotions is a field of study that grows in the interest of the researchers, given their ability to influence social interaction of individuals. It is in childhood that the understanding of emotions grows, reaching its peak at around 11 years of age. The construct comprises the recognition, control and understanding of emotions in oneself and in others. Many researchers are investigating this construct, often studying their relationship with others. In this case, you can be cited as a possible Attachment construct that influences the understanding of emotions by children, given that attachment is the first form of interaction of the individual, when he will begin to understand how their actions and reactions influence their relations with their caregiver. The attachment was first studied by John Bowlby (1907-1990) in his research on mother-child dyad. The attachment is constituted as a disposition to seek proximity and contact with a specific figure, and the sense of security the central aspect of the attachment. Once the attachment manifests as the first form of social interaction of the individual, this research aimed to understand how relationships Attachment of parents with their children influence the children's understanding of emotions. As participants in the study, 32 children in the metropolitan region of Recife - PE were selected, aged between 4 and 6 years. Parents signed a Term of Consent, in which anonymity was guaranteed, giving permission for the participation of their children. Children responded to Test Understanding of Emotions (TEC) and the Separation Anxiety Test (SAT), both applied in the school in which the children were selected. To analyze the data we used descriptive statistics, and chi-square and the Technical Points. To relate the variables, we used multidimensional analysis, specifically SSA (Smallest Space Analysis). This work is expected to expand at a national level, the research in understanding of emotions, so scarce in our country, and assist in the understanding of human development and the importance of the influence of parents in raising their children.

Keywords: *understanding of emotions, attachment, parents, children.*

RESUMEN

La comprensión de las emociones es un campo de estudio que crece en el interés de los investigadores, debido a su capacidad de influir en la interacción social de los individuos. Es en la niñez que la comprensión de las emociones crece, alcanzando su punto máximo en alrededor de 11 años de edad. La construcción comprende el reconocimiento, el control y la comprensión de las emociones en uno mismo y en los demás. Muchos investigadores están investigando esta construcción, a menudo el estudio de su relación con los demás. En este caso, puede ser citado como un posible construcción adicción que influye en la comprensión de las emociones de los niños, teniendo en cuenta que la adicción es la primera forma de interacción del individuo, cuando comenzará a entender cómo sus acciones y reacciones influyen en sus relaciones con su cuidador. La adicción se estudió por primera vez por John Bowlby (1907-1990) en su investigación sobre la díada madre-hijo. La adicción se constituye como una disposición a buscar la proximidad y el contacto con una cifra concreta, y la sensación de seguridad el aspecto central de la adicción. Una vez que la adicción se manifiesta como la primera forma de interacción social del individuo, esta investigación pretende comprender cómo las relaciones de apego de los padres con sus hijos influyen en la comprensión de los niños de las emociones. Como participantes en el estudio, 32 niños de la región metropolitana de Recife - PE fueron seleccionados, con edades comprendidas entre los 4 y 6 años. Los pacientes firmaron el Término de Consentimiento, en el que se garantiza el anonimato, dando permiso para la participación de sus hijos. Los niños respondieron a probar la comprensión de las emociones (TEC) y la prueba de la ansiedad por separación (SAT), ambos aplicados en la escuela en la que se seleccionaron los niños. Para analizar los datos se utilizó estadística descriptiva, y los aspectos técnicos de chi-cuadrado y. Para relacionar las variables, se utilizó el análisis multidimensional, específicamente SSA (Análisis espacial más pequeña). Se espera que este trabajo de expandir a nivel nacional, la investigación en la comprensión de las emociones, tan escasa en nuestro país, y ayudar en la comprensión del desarrollo humano y la importancia de la influencia de los padres en la crianza de sus hijos.

Palabras clave: *comprensión de las emociones, la adicción, padres, hijos.*

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
RESUMEN	vii
LISTA DE FIGURAS	x
LISTA DE TABELAS	xi
PREFÁCIO	12
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO TEÓRICA	14
1.1. Introdução	14
1.2. Teoria do Apego	15
1.2.1. Base Teórica	15
1.2.2. Pesquisas Recentes	22
1.3. Compreensão das Emoções	27
1.3.1. Base Teórica	27
1.3.2. Pesquisas Recentes	33
1.4. Justificativa do estudo	35
CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO	40
2.1. Introdução	40
2.2. Objetivos	41
2.2.1. Objetivo Geral	41
2.2.2. Objetivos Específicos	41
2.3. Método	42
2.3.1. Participantes	42
2.3.2. Instrumentos	43
2.3.3. Procedimentos	45
2.3.4. Riscos	46
2.4. Resultados	46
2.5. Discussão	55
2.6. Conclusão	67
2.7. Perspectivas de futuras pesquisas	71
2.8. Implicações práticas	72
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICES	78
Apêndice A – Teste de Compreensão das Emoções (TEC)	78
Apêndice B – Separation Anxiety Test (SAT)	94
Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	101

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. SSA para Tipos de Apego, Componentes Emocionais e Fases Hierárquicas	52
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Resumo dos Tipos de Apego e suas Principais Características	22
Tabela 2. Resumo dos Componentes das Emoções	31
Tabela 3. Resumo das Fases Hierárquicas	32
Tabela 4. Resumo das Principais Características do Desenho da Família	38
Tabela 5. Descrição dos Participantes	43
Tabela 6. Idade versus Tipo de Apego	47
Tabela 7. Componentes Emocionais versus Tipos de Apego.....	48
Tabela 8. Componentes das Fases Hierárquicas versus Tipos de Apego.....	51
Tabela 9. Coeficiente de Jaccard para Componentes Emocionais e Apego.....	53

PREFÁCIO

A educação das crianças está passando por uma modificação através dos tempos. Hoje, há evidências de que grande parte dos pais submete a educação de seus filhos às escolas, babás ou terceiros. As crianças, muitas vezes, parece que se desenvolvem sem receber limites, crescem sem suas necessidades básicas atendidas. No entanto, qual a real necessidade do ser humano? Como devemos criar e educar nossos filhos para que eles possam explorar, conhecer, construir e melhorar a sociedade a que estão inseridos? Como devemos nos portar diante das necessidades de nossas crianças? Esta dissertação tem por objetivo responder a última destas perguntas.

A área de Compreensão das Emoções abrange a maneira como as crianças controlam e compreendem suas emoções, bem como entendem as dos outros com quem interagem. Ser bem sucedido nos componentes emocionais que formam o construto da Compreensão das Emoções permite que a criança explore seu ambiente satisfatoriamente, desenvolva suas habilidades cognitivas de forma adequada com sua idade, interaja, questione, construa.

Também discutimos, ainda dentro da área de desenvolvimento humano, os estudos do John Bowlby e sua Teoria do Apego. Bowlby nos apresenta a ideia de uma figura cuidadora, aquela pessoa que estará mais próxima da criança, como a mãe, o pai ou qualquer um que seja o responsável “real” por corresponder às necessidades infantis. Quando nasce, o ser humano possui suas necessidades inatas, como fome, sede, sono, entre outras. No momento que a figura cuidadora vai sanar estas necessidades, ocorrem as primeiras formas de interação humana. O bebê vai compreendendo o que ele precisa fazer, como chorar, como se comportar ao longo de seu desenvolvimento, para obter o que deseja da figura cuidadora. É neste momento, assimilando esta primeira forma de

interação, que a principal pergunta deste trabalho surge: A maneira como os pais respondem às necessidades de seus filhos influi no desenvolvimento da capacidade infantil de compreender e regular emoções?

Ser solícito as necessidades de sua criança; atendê-la prontamente ou deixá-la chorando; dar limites ou ignorar; enfim, como se cria e educa uma criança é capaz de interferir de maneira expressiva na forma como as crianças compreendem as emoções, interagem com outros e, com isso, o desenvolvimento cognitivo é aprimorado?

Esta dissertação tem por objetivo responder a esta pergunta, mas sendo humilde, tendo a consciência da extensão que este campo dentro da Psicologia Cognitiva possui. Sabe-se que muitos mais estudos, pesquisas, trabalhos, ainda serão necessários. O ser humano é complexo, existindo inúmeras variáveis que o atingem. O comportamento humano possui nuances delicadas e complicadas.

Sendo assim, este trabalho apresenta uma introdução teórica, em que são explicitadas a Teoria do Apego e a Compreensão das Emoções, além de uma justificativa embasada em pesquisas anteriores que demonstram a importância da sua realização. Apresenta, também, um estudo empírico, utilizando métodos estatísticos para embasar cientificamente os dados encontrados.

Que esta dissertação possa servir de motivação para outros trabalhos melhores e maiores, contribuindo ainda mais com o vasto campo do desenvolvimento humano.

Parafrazeando Paulo Freire: “Ninguém nasce feito. É experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.”.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO TEÓRICA

1.1. Introdução

Há muito que estudiosos se interessam pelo desenvolvimento humano. Muitos construtos foram estudados e suas influências observadas. No campo do desenvolvimento social e cognitivo humano, podemos citar John Bowlby e sua Teoria do Apego e a área da Compreensão das Emoções, utilizando os trabalhos de Francisco Pons, Marc de Rosnay e Paul Harris. Ambos os construtos influem diretamente no desenvolvimento social do indivíduo. Vygotsky (1984) e sua Teoria Sociocultural enaltecem a importância da interação social no desenvolvimento cognitivo e psicológico do sujeito.

Compreender as emoções engloba saber controlar suas próprias emoções, entender porque elas ocorrem e, ainda, entender as emoções e expressões faciais de outros (Martin, Drew, Gaddis & Moseley, 1988). Uma criança bem sucedida na compreensão e controle de suas emoções possui níveis de interação sociais mais satisfatórios e, conseqüentemente, um nível de desenvolvimento cognitivo mais expressivo.

Em se tratando de Apego, Bowlby (1984) descreve o construto como uma disposição para buscar proximidade e contato com uma figura específica, e seu aspecto central é o estabelecimento do senso de segurança. Sendo assim, o Apego pode ser visto como a primeira forma de interação social do indivíduo. A criança vai se desenvolvendo e testando quais tipos de ações proporcionam a ela obter seus desejos atendidos mais

rapidamente. O choro da fome proporciona o ganho de uma mamadeira, uma explosão de raiva diante de uma ordem da mãe proporciona um castigo e assim por diante. Acredita-se que é a partir das relações de Apego que a criança começa a compreender como suas ações e reações influem no seu meio. As relações de Apego estão intimamente ligadas com a interação social do indivíduo e compreender as emoções do outro é de suma importância para uma interação saudável.

Assim, é possível se citar o Apego como um possível construto que influencia a compreensão das emoções pelas crianças, dado que este é a primeira forma de interação do infante, em que ele começará a compreender como suas ações e reações influem em suas relações com seu cuidador. Este trabalho tem por objetivo investigar, então, como as relações de Apego entre pais e filhos interferem na forma como as crianças compreendem e controlam as emoções.

Neste capítulo serão apresentadas as bases teóricas e pesquisas recentes da Teoria do Apego e da Compreensão das Emoções, além da justificativa deste estudo.

1.2. Teoria do Apego

1.2.1. Base Teórica

Em meados de 1950, o psiquiatra infantil John Bowlby (1907-1990) realizou um estudo sobre as origens do desenvolvimento psicopatológico na infância e na fase adulta, na Clínica Tavistock, na Inglaterra, sendo este trabalho o início das pesquisas acerca da díade mãe-filho. Este estudo foi de extrema importância, pois significou uma quebra de relações com os estudos psicanalíticos a respeito das correlações entre aspectos de afeto negativo na infância e distúrbios emocionais na fase adulta (Abreu,

2005). Outro estudo, realizado em 1961 por Harlow (em Abreu, 2005), apresentou, também, resultados diferentes dos paradigmas expostos pela psicanálise. Harlow realizou um experimento com filhotes de macacos, colocando os filhotes em gaiolas com duas “mães” feitas de arame. Uma mãe de arame possuía uma mamadeira e a outra mãe de arame não possuía mamadeira, no entanto, era coberta com um pano de veludo. O experimento mostrou que os filhotes passavam muito mais tempo com as mães de veludo que com as mães que possuíam comida, provando que o Apego e suas relações não ocorrem apenas porque a figura cuidadora é quem fornece o alimento, como defendido pela psicanálise em suas afirmações.

Bowlby tinha por objetivo compreender as “possíveis influências adversas no desenvolvimento da personalidade e a falta de cuidados maternos adequados nos primeiros anos de vida.” (Abreu, 2005). Dalbem e Dell’Aglia (2005) colocam que o que levou Bowlby a estudar as relações entre mães e filhos, e os efeitos de seus cuidados nos anos iniciais da infância, foram as observações feitas pelo psiquiatra sobre o comportamento desconfortável e ansioso que as crianças apresentavam quando se separavam de suas mães ou cuidadores.

Nesta época, Bowlby (1984) tomou conhecimento de teorias que afirmavam que o principal motivo da ligação mãe-filho era o da alimentação, provida pela mãe. As relações de cuidado estariam em segundo plano, o que não satisfazia o psiquiatra. As possíveis evidências de que o rompimento da interação mãe-filho nos anos iniciais do indivíduo relacionava-se com efeitos negativos ao desenvolvimento interessaram a Bowlby. Buscando firmar seus conceitos e construtos, e a partir de observações e se utilizando de várias perspectivas teóricas, Bowlby utilizou como base para suas pesquisas: a biologia evolucionária; as ciências cognitivas; a etologia; a psicanálise; a

psicologia do desenvolvimento; e a teoria dos sistemas de controles (Dalbem & Dell’Aglia, 2005). Assim, o psiquiatra infantil desenvolveu uma teoria etológico-evolucionária do Apego do bebê ao adulto: a Teoria do Apego.

Para o desenvolvimento da Teoria, Bowlby publicou, em 1969, seu primeiro livro, intitulado de “*Attachment and Loss*”, marcando o início de uma abordagem maior e uma melhor forma de se explicar o desenvolvimento sócio-afetivo-emocional do ser humano. Em 1973 e 1980, Bowlby publicou os dois últimos volumes da trilogia de “*Attachment and Loss*”. Tal trilogia continha toda a estrutura teórica, conceitos e construtos necessários para o desenvolvimento da Teoria.

Bowlby (1984) descreve o construto do Apego como uma disposição para buscar proximidade e contato com uma figura específica, e seu aspecto central é o estabelecimento do senso de segurança. O psiquiatra tinha por objetivo elaborar postulados explicativos a respeito da relação mãe-filho. Outros animais quando nascem, ou em poucos dias após o nascimento, já conseguem caminhar, pressentir perigo, buscar comida, ou realizar outras ações. O ser humano, por sua vez, nasce apenas com condutas inatas, como o choro, e precisa de cuidados para que suas necessidades sejam sanadas. Tais aspectos se apresentam mais como sinais para suas necessidades do que como ações de resolução de um problema. Ou seja, o ser humano nasce frágil e necessita de ações concretas por parte de outros para que possa sobreviver e se desenvolver, e para conseguir tais cuidados o infante emite sinais que promovem o estabelecimento ou a manutenção da proximidade com seu cuidador, que, na maioria dos casos, se apresenta como a mãe. Este conjunto de condutas inatas é caracterizado pelo choro, pelo contato visual, pelo ato de agarrar e sorrir, pela locomoção, e se manifestará quando o bebê estiver com fome, cansado ou em situações desconfortáveis

(Bowlby, 1984). “Comportamento de Apego” é como Bowlby (1989) denomina estes sinais: “Qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo, considerado mais apto para lidar com o mundo”.

E, a partir do exposto, define-se Apego como uma predisposição que tente manter ou estabelecer proximidade com outro ser humano. Comportamento de Apego, por sua vez, é definido como um conjunto de comportamentos inatos que buscam manter ou estabelecer proximidade com outro indivíduo. Bowlby (2001) acrescenta que tal comportamento é mais evidente nos primeiros anos de vida, mas que este comportamento acompanhará o indivíduo por toda a vida.

Ao falar de uma criança que esteja apegada ou que tenha um Apego a alguém, quero dizer que esta pessoa está fortemente disposta a procurar a proximidade e contato com esse alguém e a fazê-lo, principalmente, em certas condições específicas. A disposição de comportar-se dessa maneira é um atributo da pessoa apegada... O comportamento de Apego, em contraste, se refere a qualquer das formas de comportamento, nas quais a pessoa se engaja, de tempos em tempos, para obter ou manter uma proximidade desejada. (Bowlby, 1989, p.40).

Ainda em relação à díade mãe-filho, Bowlby (1969) afirma que as primeiras ligações afetivas, os vínculos iniciais afetivos entre a mãe e o infante, possibilitam o surgimento dos *Internal Working Models* (IWM), ou Modelos de Funcionamento Interno. Tais modelos são representacionais do próprio indivíduo e tratam das relações de Apego, contendo componentes afetivos e cognitivos resultantes de experiências diárias com a principal figura cuidadora. Os IWM são estáveis e ativos durante toda a vida do indivíduo, porém não são imutáveis (Bowlby, 1969, 1973, 1980; Abreu, 2005). Bowlby (1969) afirma que os IWM resultam da interação com a mãe, e que para estes

serem funcionais a mãe deve ser sensível e respondente aos sinais e necessidades da criança.

Em sua teoria, Bowlby (2001) definiu sete aspectos centrais para Apego e comportamento de Apego:

1. *Especificidade*: o comportamento de Apego é dirigido para um indivíduo específico, ou mais de um, mas com ordem explícita de preferência.

2. *Duração*: o Apego acompanha o indivíduo por toda sua vida.

3. *Envolvimento emocional*: a grande parte das emoções mais fortes emerge durante a formação e manutenção das relações de Apego.

4. *Ontogenia*: nos primeiros nove meses de vida o comportamento do Apego irá se desenvolver. O bebê irá se apegar ao indivíduo que mais interagir com ele, e a principal figura de Apego será a que mais dispensar cuidados ao infante. O comportamento de Apego estará ativo até o final dos três anos do bebê, quando se tornará cada vez mais desativado.

5. *Aprendizagem*: punições e recompensas possuem um papel secundário no desenvolvimento do Apego. O Apego pode se desenvolver mesmo em meio a repetidas punições.

6. *Organização*: o comportamento de Apego se organiza com simplicidade: se ativa por certas condições e se desativa por outras. Como condições ativadoras há a fome, o cansaço, o estranhamento. Como condições terminais há a visão ou o som da figura cuidadora preferida e a interação com

ela. Quando o comportamento de Apego é fortemente despertado, o término poderá requerer o contato físico ou o agarramento à figura cuidadora.

7. *Função biológica*: o comportamento de Apego está presente em jovens de grande parte das espécies de mamíferos e em algumas delas se mantém até a idade adulta. A manutenção da proximidade com um adulto é comum e sugere necessidade de sobrevivência. Assim o comportamento de Apego sugere proteção.

Muitas pesquisas foram realizadas desde que Bowlby apresentou sua teoria. No entanto, uma em particular trouxe contribuições singulares à Teoria do Apego. Mary Ainsworth, juntamente com seus colaboradores, investigou, em Uganda, as relações iniciais de mães e filhos. Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) criaram um método experimental para sua pesquisa e que ficou conhecido como “*strange situation*” ou situação estranha. Tal experimento media a taxa de estresse que as crianças sofriam quando eram separadas de suas mães. As crianças eram colocadas em um ambiente agradável e confortável, porém desconhecido, em companhia das mães. Eram observadas suas reações com a presença da mãe, sem a presença da mãe e com a volta da mãe ao ambiente. Com este estudo, os pesquisadores observaram que há diferentes tipos de comportamento de Apego: Apego Seguro, Apego Inseguro-Ansioso e Apego Inseguro-Evitante. Outro estudo ainda acrescenta o Apego Desorganizado (Main & Hesse, 1990). Ainsworth (1989), ratificada por Grossmann e Grossmann (2011), coloca que o que irá determinar o tipo de Apego que a criança irá apresentar é a qualidade da relação entre cuidador e infante e não a frequência com que estes indivíduos se relacionam.

O Apego Seguro se desenvolve quando a criança se sente segura em relação à mãe ou cuidador, explorando o ambiente sem temer que seja abandonada ou desprotegida. A criança demonstra sentir falta do cuidador quando este não está presente, mas o recebe bem em sua volta e permanece explorando o ambiente. Quando a criança se sente ameaçada busca proteção do cuidador, mas é capaz de separar-se dele com facilidade. Segundo Shomaker e Furman (2009), a segurança nas relações de Apego parentais está relacionada a uma maior competência social, amizades qualitativamente positivas e popularidade na infância e também adolescência.

O Apego Inseguro se divide em Inseguro-Ansioso e Inseguro-Evitante. O Apego Inseguro-Ansioso irá se desenvolver quando o cuidador em certos momentos atende as necessidades do infante e em outros momentos não o faz. Esta inconsistência de comportamento por parte do cuidador gera o sentimento de ansiedade na criança, que não tem certeza da presença segura do cuidador quando necessitar. Ela passa a não querer explorar o ambiente ou permitir que o cuidador se afaste dela. Já o Apego Inseguro-Evitante é o oposto do Inseguro-Ansioso e surge quando o cuidador ou a mãe não se apresenta diante das necessidades da criança ou raramente o faz. A criança que desenvolve este tipo de Apego não se mostra ansiosa e\ou demonstra importância com a ausência do cuidador, e quando este se apresenta a criança não se importa com sua presença. Sendo assim, o Apego Inseguro-Evitante se relaciona com o medo de dependência do outro, com a necessidade de autossuficiência do indivíduo. E o Apego Inseguro-Ansioso se relaciona com o medo de rejeição ou abandono interpessoal, com a necessidade de aprovação do outro ou a sensação de angústia quando o cuidador não responde. Wei, Russell, Mallinckrodt e Vogel (2007) colocam que com adultos apenas as duas dimensões do Apego Inseguro foram exploradas.

Main e Hesse (1990) propõem um quarto tipo de Apego: o Apego Desorganizado. Este tipo de Apego irá se desenvolver em crianças que sofrem abusos ou violência do próprio cuidador. A criança que sofre ameaças a sua integridade física e psicológica por parte do cuidador apresenta Apego ora Inseguro-Evitante, ora Inseguro-Ansioso, ora Seguro.

Tabela 1. Resumo dos Tipos de Apego e suas Principais Características

Tipo de Apego	Principais Características
<i>Seguro</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração do ambiente sem medo; - Demonstração de saudade na ausência do cuidador; - Recepção satisfatória do cuidador após ausência, em que permanece explorando o ambiente; - Busca o cuidador em situações de ameaça, mas separa-se com facilidade.
<i>Inseguro-Ansioso</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstração de ansiedade; - Não explora o ambiente; - Não permite que o cuidador se afaste.
<i>Inseguro-Evitante</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Não demonstra ansiedade ou que se importa com a ausência do cuidador; - Não demonstra que se importa com a presença do cuidador após a ausência.
<i>Desorganizado</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Características ora de Apego Inseguro-Evitante, ora de Apego Inseguro-Ansioso, ora de Apego Seguro.

Uma vez apresentadas as bases teóricas, adiante serão mostradas algumas pesquisas recentes realizadas com base na Teoria do Apego.

1.2.2. Pesquisas Recentes

Desde que Bowlby lançou seu primeiro livro, em 1969, muitos estudos surgiram utilizando a Teoria do Apego como base. Crowell e Treboux (1995) mostram que os estudos que utilizam a Teoria do Apego estão adentrando em diversas áreas, como por

exemplo: “a relação entre as experiências de Apego da infância e o comportamento parental; a transmissão intergeracional dos padrões de Apego; o impacto das experiências de Apego da infância nos relacionamentos de adolescentes e adultos; o papel do Apego entre adultos, tanto na parentalidade, como nas relações românticas e em seus pensamentos, percepções e comportamentos; as relações entre o Apego da infância e sua continuidade na adolescência; o Apego entre o bebê e seu cuidador; e analogias com as patologias e suas evoluções.”.

Muitas pesquisas estão se desenvolvendo em direção a fatores que podem modificar o tipo de Apego do indivíduo, como, por exemplo, o estudo realizado por Haskuka, Sunar e Alp (2009). Neste trabalho, os pesquisadores investigaram soldados de guerra e mostraram que, diante de fortes experiências como essa, um estilo de Apego Seguro pode se transformar em Apego Inseguro, mesmo que os soldados não estejam diretamente envolvidos em combate. Tal fato ocorre provavelmente pela guerra, que induz um modelo mais negativo do outro. Outra forte experiência se caracteriza pelo abuso sexual sofrido na infância. A Teoria do Apego tem como contribuir para se compreender e diminuir as consequências, como depressão, ansiedade, uso de drogas e álcool, comportamentos suicidas, entre outros, para quem sofre estas experiências (Henderson, Bartholomew & Dutton, 1997; Henderson, Bartholomew, Trinke & Kwong, 2005). Nesta linha de pesquisa de diminuição das consequências, Schreiber e Lyddon (1998) realizaram um estudo mostrando que quanto mais cuidada e próxima dos pais a criança fica após o abuso, menos ela sofre com os sintomas e tende a não crer que todo indivíduo é ruim como o que a fez sofrer. Carvalho, Braga, Galvão e Cardoso (2010) também corroboram com tal conclusão em seu trabalho. Nele, as pesquisadoras estudam quais as expectativas das mães para as filhas vítimas de abuso em seu processo

de superação e mostram que as mães tendem a superproteger as filhas. Na pesquisa, é exposto que crianças com padrão de Apego Seguro tendem a delatar o abuso sofrido e a romper com a situação estressante mais facilmente.

Os adolescentes também foram investigados. Dalbem e Dell’Aglío (2005) trazem uma gama de estudos com adolescentes. Entre os 12 e 15 anos, o adolescente tende a evitar, utilizando aspectos do Apego Inseguro-Evitante, seus pais numa tentativa de estabelecer sua identidade. Adiante, os autores apresentam um estudo que mostra que na adolescência há uma mudança nas relações com as figuras de Apego, uma vez que o adolescente irá se relacionar com figuras externas ao seu círculo familiar. Porém até mesmo tais mudanças são influenciadas pelas relações de Apego da infância. Assim, se tornam preditoras das diferenças individuais dos adolescentes as relações de Apego primárias e as experiências entre pares. O adolescente que percebe a si mesmo como um integrante das relações familiares apresenta um padrão de Apego Seguro e toma tal padrão para si.

Em relação ao estilo de Apego parental e a qualidade da relação de Apego entre mãe e filho na infância e adolescência, Karavasilis, Doyle e Markiewicz (2003) realizaram um estudo mostrando que pais presentes e firmes induzem um Apego Seguro, enquanto pais negligentes em cuidados induzem um Apego Inseguro-Evitante. Grossmann e Grossmann (2011) colocam que as relações de Apego com os pais ou com cuidadores são as relações mais importantes do início da vida do indivíduo. São essas relações que subsidiam as interpretações emocionais e cognitivas da criança, sua assimilação da cultura, desenvolvimento da linguagem e influenciam “relações íntimas no decorrer da vida”.

O padrão de Apego da infância influencia a forma como o indivíduo irá se relacionar no futuro com outros. O trabalho de Shomaker e Furman (2009) mostra tal fato, porém muitas outras pesquisas também exploram este tema. Attili, Vermigli e Roazzi (2009) estudaram o efeito combinado das relações mãe-filho e pai-filho no desempenho escolar do filho. O estudo mostrou que o sucesso na escola está diretamente relacionado com a relação com os pais. Se a criança está inserida em uma relação segura com seus pais, ela explora o ambiente e se relaciona melhor. Tal criança possui um controle maior de sua raiva e ansiedade, além de ajudar colegas e apresentar um comportamento pró-social. Outra pesquisa dos mesmos autores (Attili, Vermigli & Roazzi, 2011, no prelo), na Itália, abordou a influência dos tipos de Apego dos pais no status social e comportamento dos filhos entre 7 e 9 anos. Os pesquisadores observaram que as crianças que possuíam pais que os auxiliavam e os encorajavam apresentavam uma maior propensão a iniciar e manter bons relacionamentos. Mondin (2005) observa que se a criança apresenta problemas na escola é porque os apresenta em casa primeiramente.

Sabatier e Lannegrand-Willems (2005) realizaram um estudo utilizando três gerações da mesma família, avó, mãe e adolescente, para investigar a transmissão de valores e os padrões de Apego entre as gerações. A transmissão se dá de forma direta entre a avó e a mãe e entre a mãe e a adolescente. No entanto, o mesmo não ocorre entre avó e neta.

Ainda sobre transmissão de relações de Apego, os filhos transmitem para seus próprios relacionamentos as características dos relacionamentos que eles têm com seus pais e do relacionamento que eles observam entre seus pais. A qualidade dos cuidados que os pais têm com os filhos, que são construídos a partir do Apego recebido, é um dos

responsáveis pela transmissão de Apego (Shomaker & Furman, 2009; Obegi, Morrison & Shaver, 2004). Abreu (2005, p.125) coloca que:

As representações inseguras de Apego dos cuidadores progridem e servem de base para a criação de respostas insensíveis aos sinais de Apego da criança para que, finalmente, um relacionamento de Apego Inseguro entre pai e filho seja criado.

Um aspecto que começa a ser abordado nos estudos da Teoria do Apego é a presença do pai nessas relações. Como a mãe se mostra como a principal figura cuidadora na maioria das relações, o pai teve um papel menos importante nas pesquisas. No entanto, já é possível se observar trabalhos que tratem de tal figura. Tacón e Caldera (2001) realizaram um estudo com universitárias americanas, mas com descendência mexicana. A relação pai-filha foi o aspecto central do estudo. Os pesquisadores observaram que as mães eram as principais figuras de Apego para as filhas até o final da adolescência, quando os pais assumiam este papel. A partir destas observações, os autores concluíram que as relações em pais e filhos se alternam em importância durante o ciclo de vida de seus filhos. Grossmann *et al.* (2002) colocam que a relação pai-filho possui suas próprias características. No primeiro ano de vida, se o pai se mostrar uma figura de Apego presente, esta relação irá se manter estável pelos próximos quatro anos. Os pesquisadores também observam que o pai será um preditor do tipo de Apego do filho em longo prazo do que na relação pai-bebê.

Apesar da grande parte das pesquisas que utilizam a Teoria do Apego como base trabalharem com a relação pais e filhos, outras trataram da relação da Teoria do Apego com Deus, sem definição de qualquer religião específica, e com animais. Sim e Loh (2003) pesquisaram se Deus poderia ser tomado como figura de Apego. Os

pesquisadores constataram que a maior parte dos entrevistados considera que o tipo de Apego tido com os pais é diferente do tido com Deus. A pesquisa mostra que Deus é tomado como figura de Apego quando o indivíduo precisa enfrentar aspectos futuros da vida. Deus surge como uma entidade de esperança. Beck e McDonald (2004) também realizaram um estudo trabalhando Deus como uma figura de Apego, e apresentaram pesquisas que afirmaram que Deus pode ser visto como um vínculo de Apego. Muitos desses resultados são afetados pela crença de dívida com Deus. Já Kurdek (2008) realizou uma pesquisa sobre a possibilidade de cães serem adotados como figuras de Apego Seguro. O resultado da pesquisa mostrou que quase um terço dos entrevistados considera seus cães tanto quanto seus pais e irmãos e que os cães são figuras de Apego.

Sendo assim, existe uma grande quantidade de pesquisas que utilizam a Teoria do Apego como base. No Brasil, estas pesquisas focam, em sua grande maioria, no Apego na infância, sendo as mães as principais figuras cuidadoras. Pesquisas internacionais, por sua vez, já abordam diferentes grupos de estudo e diferentes fases de desenvolvimento. Dalbem e Dell'Aglio (2005) colocam que a grande parte dos estudos tem valia para profissionais da área de saúde mental. Para outras áreas de desenvolvimento, medidas de avaliação não são validadas no Brasil, o que dificulta outras pesquisas.

1.3. Compreensão das Emoções

1.3.1. Base Teórica

Uma linha de estudos que cresce no interesse dos pesquisadores é a Compreensão das Emoções em crianças. Tal interesse se deve ao fato de a capacidade

de compreender emoções, bem como saber controlá-las, atua diretamente no desempenho escolar, nas relações familiares e com amigos, além de influenciar nas habilidades cognitivas (Martin *et al.*, 1988; Palinsin, 1986). Este construto trata não apenas do reconhecimento e compreensão das emoções em si e nos outros, mas também da regulação das próprias emoções e dos usos das expressões faciais e corporais de cada emoção.

Vygostky (Veer & Valsiner, 1996) criticava, em sua época, a constante tentativa dos estudiosos em definir emoção de forma mecanicista. Para ele, cognição e afeto desde cedo estariam conectados. Vygostky separou as emoções em dois grupos: as emoções primitivas originais, caracterizadas pela raiva, medo ou alegria, e as emoções superiores complexas, caracterizadas como “o despeito e a melancolia” (Veer & Valsiner, 1996). Emoções primitivas poderiam se desenvolver em emoções mais sofisticadas.

Vygostky (2010) também afirmou que as emoções vão sofrendo transformações e sua qualidade vai se aprimorando ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Enquanto o medo e a raiva, por exemplo, são instintivos no começo da vida do ser humano, decorrentes de estímulos externos, no decorrer de seu desenvolvimento eles passam a se transformar em produto da história e cultura do indivíduo (Veer & Valsiner, 1996). As emoções se constituem um fenômeno histórico e cultural.

Se considerarmos as mudanças que ocorrem na qualidade das emoções, Vygostky (Veer & Valsiner, 1996) coloca que essas transformações acontecem pelo aumento da capacidade do indivíduo de controlar suas emoções. Vygostky não defende que o homem adulto seja ausente de emoções, mas sim construtor de um complexo sistema emocional, em que controlar as emoções é apenas uma parte deste sistema.

Nos últimos 20 anos de pesquisa na área, os estudiosos demonstraram mudanças significativas na forma como as crianças desenvolvem a compreensão pelas emoções, suas causas e as possibilidades de controlá-las (Pons, Harris & Rosnay, 2004). Pons *et al.* (2004) mostram que a competência emocional infantil se desenvolve com a idade e que tal competência ultrapassa o simples reconhecimento de faces e atinge o julgamento moral. É na faixa etária entre 3 e 11 anos que esta competência se desenvolve e “se manifesta nas capacidades de reconhecer expressões faciais, de compreender a natureza, as causas e a possibilidade de controle das emoções.” (Minervino, Dias, Silveira & Roazzi, 2010).

Reunindo uma quantidade substancial de estudos, Pons *et al.* (2004) identificaram nove componentes diferentes da Compreensão das Emoções em crianças:

1. *Reconhecimento*: este componente se manifesta entre 3 e 4 anos, quando as crianças passam a ser capazes de reconhecer e nomear as emoções a partir de sinais de expressão. Quando apresentadas fotos com expressões de medo, raiva, alegria ou tristeza, as crianças são capazes de reconhecê-las e nomeá-las.

2. *Causa Externa*: este componente também se manifesta por entre 3 e 4 anos e trata da capacidade infantil de compreender como as causas externas afetam as emoções de outras crianças. As crianças podem antecipar um sentimento de felicidade quando outra criança ganha um brinquedo ou de tristeza quando a outra criança perde um brinquedo.

3. *Desejo*: entre 3 e 5 anos ocorre a manifestação deste componente. As crianças percebem que os desejos pessoais influem nas manifestações

emocionais dos indivíduos. Em um grau mais complexo, as crianças passam a compreender que, em uma mesma situação, duas pessoas podem ter reações emocionais diferentes a partir de seus desejos, se eles forem diferentes.

4. *Crença*: entre 4 e 6 anos as crianças passam a compreender que as crenças de um indivíduo, independente de serem falsas ou verdadeiras, irão determinar a reação emocional dele em uma determinada situação.

5. *Lembrança*: um componente complexo que se manifesta entre 3 e 6 anos. Aqui, as crianças passam a compreender que existe relação entre lembrança e emoção. A criança passa a compreender que a força de uma emoção e a intensidade com que ela se manifesta diminui com o passar o tempo, e que certos acontecimentos presentes trazem lembranças que ativam emoções passadas.

6. *Regulação*: quando vão crescendo, as crianças passam a utilizar estratégias diferentes para controlar suas emoções. Entre 6 e 7 anos, as crianças utilizam estratégias comportamentais principalmente. A partir dos 8 anos e mais velhas, passam a utilizar estratégias mais complexas de controle: as psicológicas.

7. *Ocultar*: este componente refere-se à percepção que a criança passa a ter entre 4 e 6 anos e trata da discrepância entre a emoção que um indivíduo demonstra externamente e a que ele realmente sente. É nesta faixa etária que as crianças começam a observar e compreender que isto é possível.

8. *Misto*: com aproximadamente 8 anos, a criança passa a entender que um indivíduo pode, para uma mesma situação, ter múltiplas emoções semelhantes ou mesmo apresentar emoções contraditórias.

9. *Moralidade*: o último componente identificado se manifesta, também, por volta dos 8 anos de idade. É neste momento que a criança começa a perceber que ações negativas e moralmente reprováveis, como mentir, roubar, enganar, encobrir um delito, causam emoções negativas, e que ações positivas, como ajudar, resistir a uma tentação, confessar um delito, causam emoções positivas.

Tabela 2. Resumo dos Componentes das Emoções

Componente	Idade	Descrição
1 <i>Reconhecimento</i>	3 – 4 anos	As crianças passam a ser capazes de reconhecer e nomear as emoções a partir de sinais de expressão.
2 <i>Causa Externa</i>	3 – 4 anos	Capacidade infantil de compreender como as causas externas (presentes, morte de animal) afetam as emoções de outras crianças.
3 <i>Desejo</i>	3 – 5 anos	As crianças percebem que os desejos pessoais influem nas manifestações emocionais dos indivíduos.
4 <i>Crença</i>	4 – 6 anos	As crianças passam a compreender que as crenças de um indivíduo, independente de serem falsas ou verdadeiras, irão determinar a reação emocional dele.
5 <i>Lembrança</i>	3 – 6 anos	As crianças passam a compreender que existe relação entre lembrança e emoção.
6 <i>Regulação</i>	6 – 7 anos	As crianças passam a utilizar estratégias diferentes para controlar suas emoções, dependendo da idade.
7 <i>Ocultar</i>	4 – 6 anos	As crianças passam a compreender que é possível se expressar uma emoção e sentir outra.
8 <i>Misto</i>	8 anos	As crianças passam a compreender que um indivíduo pode ter múltiplas emoções para uma mesma situação.
9 <i>Moralidade</i>	8 anos	É neste momento que as crianças começam a perceber que ações negativas e moralmente reprováveis causam emoções negativas, e que ações positivas causam emoções positivas.

Roazzi, Minervino, Roazzi e Pons (2008) agruparam os nove componentes acima expostos em três fases hierárquicas utilizando como base o nível de desenvolvimento. A primeira é chamada de Fase Externa, compreendida entre 3 e 6 anos e que envolve a identificação de expressões faciais ativadas por emoções, causadas por fatores externos e a lembrança de situações passadas que trazem emoções. A segunda fase foi chamada de Fase Mental, e está compreendida entre 5 e 9 anos. Nesta fase, os pesquisadores agruparam os componentes de Crença, Desejo e Ocultar, uma vez que tais componentes não podem ser analisados somente a partir das expressões faciais, mas sim na “compreensão dos estados mentais” do indivíduo. E a terceira e última fase, denominada de Fase Reflexiva, compreendida entre 8 e 12 anos, composta pela capacidade infantil de perceber que um indivíduo pode sentir mais de uma emoção, mesmo opostas, e que há emoções morais, como a culpa.

Tabela 3. Resumo das Fases Hierárquicas (Roazzi *et al.*, 2008)

Fase	Idade	Componentes
<i>Externa</i>	3 – 6 anos	1. Reconhecimento 2. Causa Externa 5. Lembrança
<i>Mental</i>	5 – 9 anos	3. Desejo 4. Crença 7. Ocultar
<i>Reflexiva</i>	8 – 12 anos	6. Regulação 8. Misto 9. Moralidade

Adiante serão discutidas algumas pesquisas realizadas com base na Compreensão das Emoções pelas crianças.

1.3.2. Pesquisas Recentes

Muitos estudos foram desenvolvidos na área de Compreensão das Emoções infantil. A grande parte deles, no entanto, é internacional, deixando uma lacuna nas pesquisas brasileiras. Abaixo serão apresentadas algumas pesquisas na área.

Pons *et al.* (2004) colocam que, em 20 anos de pesquisa, os estudiosos afirmaram que a competência emocional infantil se desenvolve com o tempo. Para definir os nove componentes diferentes do construto, apresentados anteriormente, os autores reuniram inúmeros estudos. No entanto, eles colocam que a grande parte das pesquisas sobre o tema ou não avalia os nove componentes ou divide as crianças em apenas duas faixas etárias: 2 a 6 anos e 7 a 12 anos. Outro problema são os instrumentos utilizados para avaliar a compreensão emocional das crianças, que também são falhos. Sendo assim, Pons *et al.* (2004) adotaram dois objetivos principais em sua pesquisa: o primeiro foi avaliar os nove componentes e estudar em que faixa etária tais componentes ocorrem. O segundo foi verificar quais as relações entre os nove componentes, se algum componente dependia de outro para se desenvolver. Os pesquisadores então utilizaram uma metodologia única que permitisse alcançar seus objetivos, criando o *Test of Emotion Comprehension* (TEC). Os resultados encontrados com a utilização do instrumento para a primeira parte mostraram que o desenvolvimento para crianças de 3 a 11 anos é bem regular, com grande parte das crianças mais novas reconhecendo pelo menos dois componentes e grande parte das crianças mais velhas reconhecendo oito ou nove componentes. As idades específicas para cada componente foram expostas quando os nove foram apresentados neste presente trabalho. Quanto a segunda parte, os pesquisadores observaram que os componentes da Compreensão das

Emoções são hierárquicos, em que as crianças primeiramente se concentram sobre os aspectos externos das emoções, como as expressões faciais e as causas externas.

A validação do TEC no Brasil foi realizada por Roazzi *et al.* (2008). Neste trabalho, os autores validam o instrumento e comparam o resultado das crianças brasileiras com crianças inglesas, italianas e quéchuas. Essa validação mostrou resultados satisfatórios e não houve evidências de necessidade da reformulação da versão em português. Nos resultados, a pesquisa mostrou que os escores das crianças brasileiras são semelhantes aos das demais amostras. As crianças de escolas públicas do Brasil, no entanto, apresentaram níveis mais baixos que as de escolas particulares em quatro itens. Os autores, ao final do trabalho, explicitam que o processo de validação segue na “busca por parâmetros psicométricos de validade e fidedignidade, assim como pela normatização quanto às variáveis escolaridade e idade, valorizando os resultados preliminares ora apresentados”.

Minervino *et al.* (2010) utilizaram o TEC para medir a Compreensão das Emoções em crianças que trabalham informalmente nas ruas de duas cidades do Nordeste Brasileiro. Os pesquisadores entrevistaram 67 crianças, em que todas pertenciam a bairros da periferia, e algumas dormiam nas ruas. As crianças vinham de extensas famílias, com renda muitas vezes inferior a 1 salário mínimo. Os pesquisadores mostraram resultados interessantes. As crianças brasileiras mais velhas não apresentaram um escore maior que as crianças mais novas. As crianças brasileiras também mostraram um desempenho significativamente inferior ao demonstrado por crianças inglesas. Estes achados demonstraram que a cultura e o contexto em que o indivíduo está inserido influem significativamente nos resultados do teste, e que este fato implica na necessidade de novas pesquisas utilizando o TEC como instrumento.

Machado *et al.* (2008a) realizaram uma pesquisa com 40 crianças entre 5 e 7 anos com o objetivo de analisar as relações entre os fatores que os autores denominam de psicológicos, sendo o conhecimento das emoções, as competências sociais e acadêmicas, e os fatores proximais, sendo a aceitação entre os pares, responsáveis pela adaptação e sucesso no universo escolar. Os resultados encontrados mostram que o conhecimento de emoções das crianças é um fator que media as competências acadêmicas e a aceitação entre os pares. O conhecimento das causas das emoções foi o principal fator desta mediação de sucesso.

1.4. Justificativa do Estudo

A interação social e sua importância para o desenvolvimento do indivíduo é tema de pesquisa de diversos estudiosos das ciências sociais. Vygotsky, em sua Teoria Sociocultural, enfatiza a importância de uma interação social bem sucedida. De acordo com Vygotsky (1984), todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade. A interação para a Teoria Sociocultural tem um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo, pois é através da relação interpessoal que o homem interiorizará as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico, e dessa forma a interação fornece a base para o desenvolvimento psicológico do sujeito (Oliveira, 1995).

A Compreensão das Emoções pelas crianças está intimamente relacionada ao sucesso social dos indivíduos, bem como a interação ao desenvolvimento social (Vygotsky, 1984). Como colocado por Martin *et al.* (1988) e Palinsin (1986),

reconhecer e controlar as emoções influencia no desempenho escolar, nas relações familiares e com amigos e, principalmente, nas habilidades cognitivas.

Já o Apego pode ser tomado como a primeira forma de interação social do indivíduo, uma vez que começa a se desenvolver nas primeiras interações com sua figura cuidadora. Bowlby (1984) inicia suas pesquisas justamente por acreditar que as relações de Apego estão intimamente ligadas com o desenvolvimento do sujeito. A forma como o bebê é acalentado o ensina como reagir a certas situações para obter o cuidado e a atenção desejados.

Uma vez enaltecida a importância da interação social no desenvolvimento do indivíduo, como é possível que essa interação seja bem-sucedida? Esta pergunta levanta a hipótese de que, quando as crianças são emocionalmente competentes, dominando do construto de Compreensão das Emoções, o indivíduo interage melhor com o ambiente e com outros sujeitos. O Apego por sua vez, sendo a primeira forma de interação, pode influenciar o desenvolvimento dos filhos, principalmente na forma como as crianças compreendem e controlam as emoções.

Considerando os dois construtos apresentados, Apego e Compreensão das Emoções, o estilo de Apego dos pais pode influenciar a Compreensão das Emoções dos filhos, e, consecutivamente, no sucesso social deles. Mas como este processo ocorre? O padrão de Apego da infância influencia a forma como o indivíduo irá se relacionar no futuro com outros. Shomaker e Furman (2009) colocam que quanto mais seguras forem as crianças em suas relações de Apego com suas figuras cuidadoras, maior será a competência social desses indivíduos e maior sua popularidade na infância e adolescência. Crianças que apresentam um Apego do tipo Seguro devem reconhecer e controlar melhor as emoções. Garrido-Rojas (2006) faz uma revisão da literatura na área

da Teoria do Apego e coloca que indivíduos que apresentam Apego Seguro estão marcados por expressões faciais de alegria, calma, confiança e que, quando submetidos a situações de estresse ou que podem causar raiva e outros sentimentos negativos, são capazes de controlar e reconhecer mais facilmente tais emoções. Quando Garrido-Rojas (2006) apresenta pesquisas com adultos, a pesquisadora expõe que estes sujeitos possuem relações mais balanceadas, se mostram mais dispostos a experimentar novas emoções e controlam melhor suas expressões faciais e emoções. Porém, tal controle não ocorre com indivíduos submetidos a um Apego Inseguro. A principal emoção de um indivíduo com Apego Inseguro-Ansioso é o medo. Medo da separação com o cuidador e a ineficácia em controlar a ansiedade quando ele retorna a sua presença. Estes indivíduos não suportam a separação e não demonstram evitar, em nenhum momento, seus cuidadores. Não controlam suas reações de ânsia e irritação. Já os indivíduos de Apego Inseguro-Evitante apresentam a indiferença como a principal emoção. Não demonstram envolvimento com outros e nem demonstram explorar suas próprias emoções. Ou seja, Garrido-Rojas (2006) expõe que o Apego Seguro permite que o indivíduo explore as emoções, tenha curiosidade por situações diferentes e em situações de grande estresse seja capaz de se manter calmo e organizar suas emoções e atitudes. Já os de Apego Inseguro-Ansioso têm mais dificuldade em se manter controlados e apresentam uma inibição emocional maior. Tal inibição ocorre também para os indivíduos de Apego Inseguro-Evitante, que também apresentam os níveis mais baixos de exploração e reconhecimento emocional.

Pesquisando o estilo de Apego de crianças entre 4 e 9 anos utilizando desenhos das famílias, Attili, Alessandro, Gianfelice e Roazzi (2011) colocam que poucos pesquisadores se valeram dessa ferramenta capaz de acessar aspectos e necessidades

conscientes e inconscientes das crianças. Attili *et al.* (2011) observaram que crianças com Apego Seguro desenhavam sua família em proporções iguais e rostos com expressões calmas e tranquilas, enquanto que crianças com Apego Inseguro-Ansioso desenhavam os membros da família muito próximos uns dos outros, com expressões vulneráveis e em proporções diferentes. Já as crianças com Apego Inseguro-Evitante desenhavam suas famílias distantes, com expressões sorridentes, faltando partes do corpo e, muitas vezes, flutuando.

Tabela 4. Resumo das Principais Características do Desenho da Família

Tipo de Apego	Principais Características
<i>Apego Seguro</i>	- Proporções entre familiares iguais; - Expressões faciais calmas e tranquilas.
<i>Apego Inseguro-Evitante</i>	- Presença de barreiras; - Familiares distantes; - Familiares sorridentes; - Ausência de partes do corpo; - Figuras flutuando.
<i>Apego Inseguro-Ansioso</i>	- Familiares muito próximos; - Expressões faciais vulneráveis. - Familiares e figuras em proporções diferentes.

Em se tratando especificamente de Apego e Compreensão das Emoções, como proposto por Pons *et al.* (2004), é possível se levantar a hipótese de que crianças com Apego Seguro são mais competentes emocionalmente que crianças com Apego Inseguro. A capacidade desenvolvida nesses indivíduos para sentir segurança ao explorar o ambiente, deve propiciar esse sucesso no reconhecimento das emoções, uma vez que o ambiente conterà outros indivíduos. Já crianças que não apresentam o Apego do tipo Seguro, mas sim do tipo Inseguro, como não exploram o ambiente e, ou se apegam ao extremo aos seus cuidadores ou evitam contato com eles ou outros

indivíduos, devem tender a não reconhecer e, principalmente, a não controlar satisfatoriamente suas emoções, dificultando a convivência.

As relações de Apego estão ligadas, de forma íntima, com a interação social do indivíduo, e tal interação é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo do ser humano. Compreender as emoções próprias e as do outro é essencial para que se estabeleça uma interação social saudável. Entender como as relações de Apego entre pais e filhos podem influenciar na Compreensão das Emoções das crianças tem uma grande relevância social, no sentido de que o desenvolvimento cognitivo e social está diretamente ligado à forma como os filhos se relacionam com seus pais.

A grande maioria dos estudos que unem os dois construtos aqui apresentados não foi realizada no Brasil. A falta de tais pesquisas em âmbito nacional é evidente. E dada a importância do sucesso no controle das emoções para o desenvolvimento social e cognitivo do indivíduo, o estudo aqui apresentado se torna relevante.

CAPÍTULO II

ESTUDO EMPÍRICO

2.1. Introdução

É indiscutível a importância da participação da família no desenvolvimento do ser humano. O contato com outras pessoas, especialmente com a figura cuidadora, tem sua importância reafirmada em cada novo estudo da área. Vygotsky (2010) coloca que desde o início da vida, cognição e afeto estão intimamente ligados.

As emoções, para Vygotsky (em Veer & Valsiner, 1996), se iniciam de forma instintiva, mas vão aprimorando sua qualidade ao longo do desenvolvimento do ser humano, quando este passa a interagir mais ativamente com a sociedade em que está inserido e se torna capaz de controlar o que sente.

Uma vez que o Apego, apresentado na Teoria do Apego, se caracteriza como a primeira forma de interação, além de influenciar em toda a vida adulta, do indivíduo, este trabalho traz a questão que une os dois construtos: Compreensão das Emoções e Apego.

O principal objetivo desta pesquisa é compreender como o estilo de Apego dos pais com os filhos pode influenciar na maneira como os filhos controlam, compreendem e usam suas emoções, bem como entendem e reconhecem as emoções nos outros. Mas não apenas compreender como o estilo de Apego dos pais influencia, mas compreender quais as características de cada tipo de Apego com a Compreensão das Emoções nas crianças.

Este trabalho tem por objetivo compreender se as crianças com Apego Seguro são mais competentes emocionalmente, possuem emoções mais refinadas, são mais sensíveis em relação a emoções de terceiros, que crianças que apresentem Apego do tipo Inseguro. Também se torna interessante investigar se as crianças com Apego Inseguro desenvolvem sua competência emocional de maneira mais lenta que crianças seguras.

Ainda é possível e interessante de se observar se há diferenças significativas entre crianças Inseguro-Ansiosas e crianças Inseguro-Evitantes, no sentido em que um grupo pode se destacar mais em um componente emocional que o outro.

Adiante estão listados os principais objetivos desta pesquisa, bem como o método utilizado para realizá-la, o resultado e a discussão destes resultados.

2.2. Objetivos

2.2.1. Objetivo Geral

Considerando os dois construtos apresentados ao longo da fundamentação teórica, o presente estudo tem por objetivo investigar como as relações de Apego entre pais e filhos influenciam na Compreensão das Emoções dos filhos.

2.2.2. Objetivos Específicos

- Investigar qual a relação entre o Apego Seguro e o Apego Inseguro e os componentes emocionais; se crianças com Apego Seguro apresentam maiores escores

nas escalas de Compreensão das Emoções e crianças com Apego Inseguro apresentem baixos escores em tais escalas;

- Investigar em quais componentes emocionais as crianças Inseguro-Ansiosas se sobressaem e quais elas não apresentam domínio;

- Investigar em quais componentes emocionais as crianças Inseguro-Evitantes se sobressaem e quais elas não apresentam domínio;

- Investigar se as crianças com Apego Inseguro são mais eficientes em algum componente da área de Compreensão das Emoções que crianças com Apego Seguro.

- Investigar o domínio entre crianças com Apego Inseguro-Ansioso e Apego Inseguro-Evitante em relação aos componentes da área de Compreensão das Emoções e em relação às fases hierárquicas da área de Compreensão das Emoções;

- Investigar a relação entre tipos de Apego, componentes emocionais e fases hierárquicas;

- Investigar se crianças com Apego Inseguro tem o desenvolvimento da Compreensão das Emoções de forma mais lenta que as que possuem um Apego Seguro.

2.3. Método

2.3.1. Participantes

A amostra é composta de 32 crianças da cidade do Recife - PE, com idades entre 4 e 6 anos ($M = 5,09$; $d.p. = 1,015$), sendo o total de crianças um valor de conveniência (não-probabilístico). Do total, 13 são meninos (41%) e 19 são meninas (59%). Em

relação às idades, considerando todo o conjunto e a data de coleta dos dados, 9 crianças (28,1%) tinham 4 anos, 11 crianças (34,4%) tinham 5 anos e 12 crianças (37,5%) tinham acima de 6 anos.

Tabela 5. Descrição dos Participantes

Variáveis	Níveis	N	%
<i>Sexo</i>	Masculino	13	40,63
	Feminino	19	59,37
<i>Idade</i>	4 anos	9	28,12
	5 anos	11	34,40
	6 anos	12	37,50

2.3.2. Instrumentos

As crianças responderam ao *Teste de Compreensão das Emoções* (TEC) e ao *Separation Anxiety Test* (SAT). A seguir, tais instrumentos serão descritos.

Teste de Compreensão das Emoções (TEC). Este instrumento foi proposto por Pons e Harris (2000) e aprimorado por Pons *et al.* (2004). O TEC tem por objetivo avaliar o desenvolvimento emocional das crianças utilizando os nove componentes das emoções: reconhecimento da expressão facial; expressão facial em consequência de uma causa externa; desejo, crença e lembrança influenciando uma emoção; regulação para controlar uma emoção; ocultar uma emoção; misto: sentir duas emoções simultaneamente; e moralidade como direcionadora de emoção, já citados e melhor explicados anteriormente. O TEC é composto de diversas situações em que a criança deve escolher uma emoção a cada uma delas. São apresentadas figuras de faces expressivas e contada uma história em que a criança deve atribuir uma face correta para a história contada. A cada situação mostrada à criança, pede-se que ela escolha entre

quatro faces. As faces apresentam as expressões: feliz, zangado, triste, normal e assustado, e quatro entre as cinco faces são apresentadas, dependendo da situação e do componente a ser investigado. Em alguns componentes, primeiramente a criança passa por situações de controle, em que ela é treinada antes de responder a situação válida. A cada história contada, a criança observa uma figura ilustrativa em que o personagem não possui expressão, seu rosto está em branco, sem olhos, nariz ou boca. Ao fim da história e depois de feita a pergunta, a criança observa quatro faces, já com o rosto desenhado e marcado por uma das cinco expressões, para que ela escolha a que mais se encaixa. O teste é não-verbal, a criança só deve apontar sua escolha, sem falar. Isso se justifica por estudos transculturais, que mostram que as expressões faciais são semelhantes e independentes de cultura ou raça (Minervino, Dias, Silveira & Roazzi, 2010). Para este estudo, o TEC será apresentado em versão digital, mas sua versão em papel é exposta nos apêndices. A versão em papel é apresentada no Apêndice A. A pontuação varia de 0 a 9 pontos, em que a criança recebe 1 ponto para cada componente dominado.

Separation Anxiety Test (SAT). Attili (2001) adaptou a versão do SAT, que, por sua vez, foi adaptado à realidade brasileira seguindo critérios internacionais de tradução. Ao aplicar o SAT-B (SAT brasileiro), as crianças são apresentadas a situações diferentes, em quadrinhos, em que o experimentador deve ler frases explicando a situação e pedindo que a criança relate a principal emoção sentida. Caso a criança não consiga responder, o experimentador faz algumas perguntas para ajudá-la. São feitas quatro perguntas as crianças. A primeira pede que ela identifique o que a personagem está sentindo. A segunda trata do por que da personagem sentir aquela emoção. Uma complementa a outra no momento da pontuação. A terceira pede que a criança explicite o que a personagem está fazendo no momento. E a quarta pede que a criança diga o que

a personagem irá sentir e fazer quando voltar para situação inicial de conforto. A terceira e a quarta perguntas servem para identificar comportamentos não usuais, arredios ou dependentes. Cada resposta terá pontuação negativa ou positiva dependendo do estilo de Apego que aquela resposta representa. O Apego Seguro terá pontuação maior que +4, o Apego Inseguro-Ansioso ficará entre +3 e +1, o Apego Inseguro-Evitante ficará entre 0 e -2 e o Desorganizado abaixo de -3. Os pais não poderão estar próximos a seus filhos no momento da aplicação do teste.

2.3.3. Procedimentos

Para a autorização da pesquisa, a escola enviou aos responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo modelo está apresentado no Apêndice C. Os responsáveis assinaram o TCLE, em que foram assegurados o anonimato e a voluntariedade em permitir a participação dos filhos.

As crianças responderam aos seus testes em 2 etapas, na escola em que foram selecionadas, em uma sessão com duração aproximada de 1 hora:

- *Teste de Compreensão das Emoções (TEC)* foi aplicado digitalmente, por meio de um notebook levado pela examinadora. As crianças clicavam nas expressões que melhor representavam cada história, ouvindo as histórias primeiro. Caso apresentassem dificuldades em ouvir ou utilizar o mouse, a examinadora auxiliava.

- *Separation Anxiety Test (SAT)* foi aplicado utilizando-se desenhos de situações em que uma criança está envolvida, como a despedida dos pais, o reencontro com eles, etc. Cada figura correspondente a cada situação foi

impressa e apresentada em cartões de tamanho A5. As crianças ficaram observando as figuras enquanto ouviam as histórias. Cada sujeito respondeu a cada uma das quatro perguntas correspondente a cada situação.

2.3.4. Riscos

- Risco de constrangimento em responder as perguntas;
- Risco de chamar a atenção dos participantes para um problema que os mesmos podem não ter consciência de possuir;
- Risco de citar algum assunto sobre o qual os participantes preferam ignorar ou não falar sobre.

2.4. Resultado

Para o estudo de cada teste individualmente foi utilizada a estatística descritiva (medidas de tendência central e dispersão, distribuição de frequência). Ainda utilizaram-se testes de *Qui-Quadrado* para comparar variáveis categóricas. A técnica de pontos também foi aplicada para prover uma imagem dos estados mentais de Apego demonstrados pelas crianças. Para a análise da relação entre os vários instrumentos foram utilizadas análises multidimensionais. Foi utilizado também SSA (*Smallest Space Analysis*) (Bloombaum, 1970), para uma avaliação de todas as variáveis de importância juntas.

Considerando o estilo de Apego das crianças, das 32 crianças que responderam validamente os testes, 16 crianças (50%) apresentaram Apego do tipo Seguro, e 16

crianças (50%) apresentaram Apego do tipo Inseguro, dentre as quais 12 crianças (37,5%) apresentaram Apego Inseguro-Ansioso e 4 crianças (12,5%) apresentaram Apego Inseguro-Evitante.

Tabela 6. Idade versus Tipo de Apego

Idade	Tipo de Apego	N	%
<i>4 anos</i>	Seguro	4	12,5
	Inseguro-Ansioso	4	12,5
	Inseguro-Evitante	1	3,10
<i>5 anos</i>	Seguro	4	12,5
	Inseguro-Ansioso	4	12,5
	Inseguro-Evitante	3	9,40
<i>6 anos</i>	Seguro	8	25,0
	Inseguro-Ansioso	4	12,5
	Inseguro-Evitante	0	0

Inicialmente, verificamos o tipo de Apego considerando a idade dos participantes (Tabela 6). Nesta tabela, o N representa o total de crianças com o estilo de Apego e idade indicadas e o símbolo % indica a porcentagem que a quantidade N de crianças representa em relação ao total de 32 crianças.

Considerando a idade de 4 anos, 4 crianças (12,5%) apresentaram Apego Seguro, 4 crianças (12,5%) apresentaram Apego Inseguro-Ansioso e 1 criança (3,13%) apresentou Apego Inseguro-Evitante. Considerando a idade de 5 anos, 4 crianças (12,5%) apresentaram Apego Seguro, 4 crianças (12,5%) apresentaram Apego Inseguro-Ansioso e 3 crianças (9,4%) apresentaram Apego Inseguro-Evitante. Com 6 anos, 8 crianças (25%) apresentaram Apego Seguro e 4 (12,5%) crianças apresentaram Apego Inseguro-Ansioso.

Tabela 7. Componentes Emocionais versus Tipos de Apego

Componentes		Tipos de Apego			
		Seguro	Inseguro- Ansioso	Inseguro- Evitante	Inseguro
<i>Reconhecimento</i>	0 Não Acertos	0	0	0	0
	1 Acertos	16	12	4	16
	% Acertos	100	100	100	100
<i>Causa Externa</i>	0 Não Acertos	5	1	0	1
	1 Acertos	11	11	4	15
	% Acertos	68,8	91,7	100	93,7
<i>Desejo</i>	0 Não Acertos	11	8	3	11
	1 Acertos	5	4	1	5
	% Acertos	31,3	33,3	25,0	31,3
<i>Crença</i>	0 Não Acertos	10	6	4	10
	1 Acertos	6	6	0	6
	% Acertos	37,5	50,0	0,0	37,5
<i>Lembrança</i>	0 Não Acertos	10	8	3	11
	1 Acertos	6	4	1	5
	% Acertos	37,5	33,3	25,0	31,3
<i>Regulação</i>	0 Não Acertos	7	9	3	12
	1 Acertos	9	3	1	4
	% Acertos	56,3	25,0	25,0	25,0
<i>Ocultar</i>	0 Não Acertos	7	8	2	10
	1 Acertos	9	4	2	6
	% Acertos	56,3	33,3	50,0	37,5
<i>Misto</i>	0 Não Acertos	10	11	1	12
	1 Acertos	6	1	3	4
	% Acertos	37,5	8,3	75,0	25,0
<i>Moralidade</i>	0 Não Acertos	2	3	1	4
	1 Acertos	14	9	3	12
	% Acertos	87,5	75,0	75,0	75,0

A Tabela 7 mostra o cruzamento dos componentes emocionais e tipos de Apego. Os resultados são apresentados em quantidade de crianças, nas linhas indicadas por “0 Não Acertos” e “1 Acertos”, e porcentagem de crianças em relação ao valor total de crianças com o tipo de Apego específico. Para verificar as diferenças foi aplicado o teste das proporções sendo comparados Seguro x Inseguro-Ansioso, Seguro x Inseguro-

Evitante e Seguro x Inseguro (Ansioso+Evitante), além de Inseguro-Ansioso x Inseguro-Evitante. Devido o tamanho reduzido da amostra ($N = 32$), resultados marginalmente significativos ($p \leq 0,10$) foram aceitos.

Ao se coletar os dados e corrigir o TEC de todas as crianças, observou-se que todas apresentaram domínio sobre o componente 1, Reconhecimento. Este resultado mostrou, para esta amostra, que o reconhecimento das expressões faciais não está relacionado com tipo de Apego ou idade. Diante deste fato, este componente passou a não ser mais uma variável válida para os cálculos estatísticos.

Diferenças significativas foram observadas para o componente Causa Externa, segundo componente, considerando a comparação Seguro x Inseguro ($z = -1,81$; $p = 0,03$) e a comparação Seguro x Inseguro-Ansioso ($z = -1,46$; $p = 0,07$). Todas as crianças de Apego Inseguro-Evitante demonstraram um domínio completo deste componente, enquanto que, apesar da taxa de acerto do Seguro (68,8%) ser elevado, ainda é inferior a do Inseguro-Ansioso (91,7%) e Inseguro-Evitante (100%). Para o terceiro componente, Desejo, os dados mostraram que os três grupos de crianças apresentaram resultados próximos no domínio do componente. Tanto para crianças Seguras quanto para as Inseguras, a taxa de acerto foi de 31,3%.

Para o componente Crença, quarto componente, o Apego Inseguro-Evitante não apresentou domínio, enquanto as crianças Inseguro-Ansiosas mostraram melhores resultados em comparação às crianças Seguras, com taxa de 50%. Para o componente Lembrança, quinto componente, o Apego Seguro apresentou domínio maior que o Inseguro-Ansioso, Inseguro-Evitante e Inseguro. No componente Regulação, sexto componente, diferenças significativas foram observadas considerando a comparação Seguro x Inseguro-Ansioso ($z = 1,11$; $p = 0,04$) e Seguro x Inseguro ($z = 1,80$; $p = 0,03$).

A taxa de acerto do Apego Seguro (56%) é consideravelmente superior à taxa de Apego do Inseguro-Ansioso, Inseguro-Evitante e Inseguro, todos com 25% de acerto.

No sétimo componente, Ocultar, Seguro e Inseguro-Evitante apresentaram taxas de acertos próximas (56,3% e 50%, respectivamente), mas superiores em relação à taxa de acerto do Inseguro-Ansioso (33,3%). Para o componente Misto, oitavo componente, diferenças significativas foram observadas considerando a comparação Seguro x Inseguro-Ansioso ($z = 1,76$; $p = 0,03$), Seguro x Inseguro-Evitante ($z = 1,34$; $p = 0,08$) e Inseguro-Ansioso x Inseguro-Evitante ($z = -2,66$; $p = 0,003$). Para este componente, as crianças Seguras apresentaram escores muito baixos se comparadas com as crianças Inseguro-Evitantes. Além disto, apenas 37,5% das crianças Seguras e uma criança Inseguro-Ansiosa mostrou domínio deste componente, enquanto que 75% das crianças Inseguro-Evitantes mostraram bom desempenho. Em relação ao nono e último componente, Moralidade, o domínio dos três grupos foi alto e satisfatório, sendo as crianças Seguras as que apresentaram maior desempenho (87,5%).

Tabela 8. Componentes das Fases Hierárquicas versus Tipos de Apego

Fases Hierárquicas	Componentes	Tipos de Apego			
		Seguro	Inseguro-Ansioso	Inseguro-Evitante	Inseguro
<i>Externa</i>	Reconhecimento	16 (100)	12 (100)	4 (100)	16 (100)
	Causa Externa	11 (68,8)	11 (91,7)	4 (100)	15 (93,7)
	Lembrança	6 (37,5)	4 (33,3)	1 (25)	5 (31,3)
<i>Mental</i>	Desejo	5 (31,3)	4 (33,3)	1 (25)	5 (31,3)
	Crença	6 (37,5)	6 (50)	0 (0)	6 (37,5)
	Ocultar	9 (56,3)	4 (33,3)	2 (50)	6 (37,5)
<i>Reflexiva</i>	Regulação	9 (56,3)	3 (25)	1 (25)	4 (25)
	Misto	6 (37,5)	1 (8,3)	3 (75)	4 (25)
	Moralidade	14 (87,5)	9 (75)	3 (75)	12 (75)

A Tabela 8 apresenta os componentes emocionais divididos nas fases hierárquicas (Roazzi *et al.*, 2008) e a quantidade de sujeitos de cada tipo de Apego que acertaram cada componente. Esta tabela tem por objetivo organizar os dados do TEC considerando as fases hierárquicas e seus componentes versus a taxa de acerto de cada tipo de Apego. É válido enaltecer uma importante característica da fase Reflexiva. Esta fase é composta por componentes em que as crianças precisam ter a partir de 6 anos (para o componente 6 – Regulação) ou a partir de 8 anos (para os outros dois componentes) para dominá-los. Apenas uma parte da amostra aqui trabalhada possui 6 anos, e nenhuma das crianças possui 8 anos ou mais. No entanto, a taxa de acerto para o componente 9 é extremamente alta para Apego Seguro (87,5%) e Inseguro (75%). Este fato é discutido mais a frente, também como futuras pesquisas.

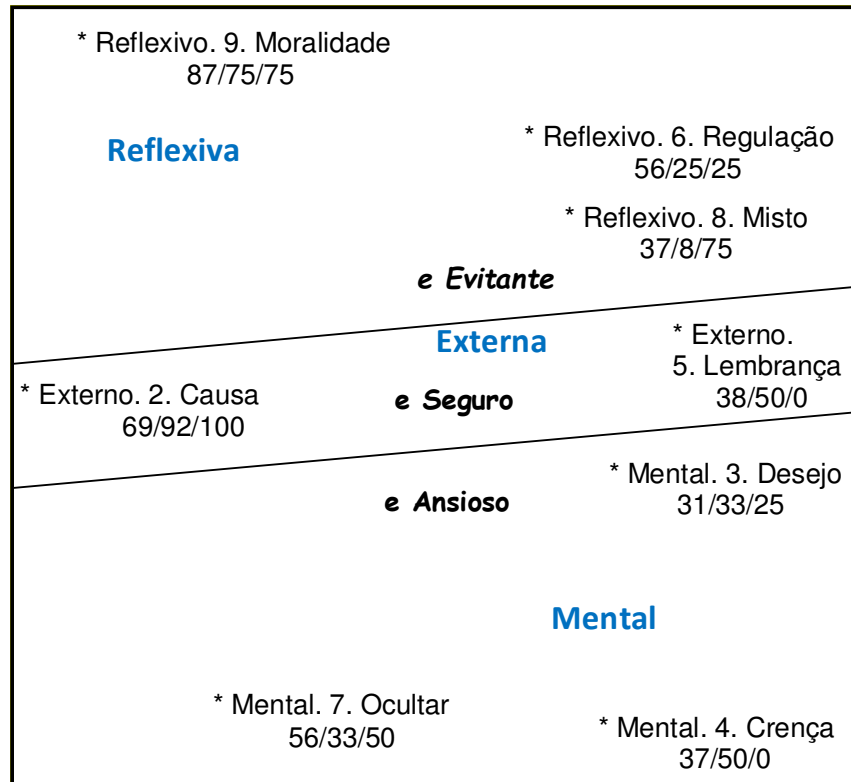


Figura 1. SSA para Tipos de Apego, Componentes Emocionais e Fases Hierárquicas

A Figura 1 apresenta os resultados do TEC e SAT utilizando a Teoria das Facetas, além de dividir os componentes do TEC nas fases hierárquicas (Roazzi *et al.*, 2008).

Para que esta análise fosse obtida foi utilizada uma abordagem de escala multidimensional usando o SSA (*Smallest Space Analysis*) (Bloombaum, 1970), variante mais comum da Teoria das Facetas. Sendo esta uma amostra pequena, sem distribuição normal e com dados dicotômicos, foi realizada uma análise multivariada não paramétrica e que lidasse dados dicotômicos. Utilizou-se, para tal, o Coeficiente de Correlação de Jaccard, com seus valores expressos na Tabela 9. Para a construção do SSA, todos os valores de Jaccard são considerados como um conjunto. O coeficiente de alienação, medida que indica a qualidade do ajuste entre as variáveis, foi de 0,0084,

indicando a excelente relação entre a solução do SSA encontrada e as matrizes de correlação.

Tabela 9. Coeficiente de Jaccard para Componentes Emocionais e Apego

	Componentes								
	2	3	4	5	6	7	8	9	
Componentes									
<i>Ext.2 Causa Externa</i>	100								
<i>Me.3 Desejo</i>	42	100							
<i>Me.4 Crença</i>	42	52	100						
<i>Ext.5 Lembrança</i>	45	85	55	100					
<i>Ref.6 Regulação</i>	45	61	48	76	100				
<i>Me.7 Ocultar</i>	42	58	52	48	42	100			
<i>Ref.8 Misto</i>	36	58	45	55	67	45	100		
<i>Ref.9 Moralidade</i>	61	39	33	42	48	39	52	100	
Variáveis Externas									
<i>Seguro</i>	36	48	48	52	64	58	55	55	
<i>Inseguro-Ansioso</i>	48	55	61	52	39	39	36	36	
<i>Inseguro-Evitante</i>	30	61	48	58	52	52	73	24	

*Nota: decimais omitidos.

Considerando para análise primeiramente a Tabela 9, os valores do Coeficiente de Jaccard indicam que os componentes mais próximos entre si são Desejo e Lembrança, enquanto que os mais distantes são Crença e Moralidade. O Apego Seguro encontra-se mais próximo do componente Regulação e mais distante do componente Causa Externa. O Apego Inseguro-Ansioso encontra-se mais próximo do componente Crença e mais distante dos componentes Misto e Moralidade. O Apego Inseguro-Evitante encontra-se mais distante do componente Moralidade e mais próximo do

componente Misto. Tais fatos são reforçados pelas diferenças significativas citadas na apresentação da Tabela 7.

O Apego Seguro mantém um padrão de distância próximo a todos os componentes, sem valores de extrema discrepância, fato que não ocorre com os outros dois tipos de Apego. O Apego Seguro só está distante do componente Causa Externa, único com valor 36. Todas as demais distâncias entre o Apego Seguro e os componentes emocionais estão acima de 48. Para o Apego Inseguro-Ansioso, quatro distâncias estão abaixo de 40 (Regulação, Ocultar, Misto e Moralidade), enquanto que para o Apego Inseguro-Evitante há uma grande oscilação entre componentes muito distantes (Causa Externa e Moralidade, respectivamente 30 e 24) e componentes muito próximos (Misto, com 73), sem apresentar equilíbrio.

A Figura 1 nos mostra o SSA para os tipos de Apego, componentes emocionais e fases hierárquicas. A projeção apresenta uma estrutura axial composta de três regiões muito bem delimitadas, sem intersecções. Cada fase hierárquica se encontra em uma região. Além disto, cada fase, composta por três componentes emocionais distintos, está situada em uma região distinta e seus componentes também se localizam na mesma região. Tal estrutura corrobora os estudos de Pons *et al.* (2004).

Na região central encontra-se a fase Externa, com os componentes 2 e 5, Causa Externa e Lembrança, situados em extremos opostos. Nesta região também se localiza o Apego Seguro, próximo ao centro da região e do espaço do SSA como um todo. A região da fase Externa separa de forma completa as regiões que contém as fases Mental e Reflexiva. Na região localizada no canto inferior da projeção está localizada a fase Mental, bem como o Apego Inseguro-Ansioso e os componentes 3, 4 e 7, respectivamente Desejo, Crença e Ocultar. Dentro desta região, os componentes

encontram-se distantes entre si, bem como distantes do Apego Inseguro-Ansioso. Na região localizada no canto superior da projeção encontra-se a fase Reflexiva, juntamente com os componentes 6, 8 e 9, respectivamente Regulação, Misto e Moralidade, e com o Apego Inseguro-Evitante. O Apego Inseguro-Evitante encontra-se próximo ao componente Misto e apenas um pouco mais distante do componente Regulação. O componente Moralidade encontra-se distante de grande parte de todos os outros pontos do gráfico, mas em especial do componente Crença.

A estrutura axial mostra ainda que a fase Externa tem uma relação maior com todos os componentes, devido sua centralidade na projeção, enquanto as outras duas fases apresentam uma distância qualitativa mais acentuada. Já os tipos de Apego, estes se localizaram cada um em uma região específica mais adequada as suas características, sendo o Apego Seguro na região Externa, mais equilibrada.

2.5. Discussão

Como as relações de Apego entre pais e filhos interferem na maneira como as crianças compreendem as emoções? A resposta a esta pergunta é o principal objetivo deste trabalho. A partir dela, outras perguntas surgem, tais como, há diferença entre crianças Seguras e Inseguras? E entre crianças Seguras e crianças Inseguro-Ansiosas ou Seguras e Inseguro-Evitantes?

Os trabalhos apresentados como justificativa deste estudo (Garrido-Rojas, 2006; Shomaker & Furman, 2009; Attili *et al.*, 2011) trazem que crianças com Apego Seguro tendem a possuir maior domínio da Compreensão das Emoções em relação a crianças com Apego Inseguro. No entanto, nenhum destes trabalhos unem a definição

de Compreensão das Emoções proposta por Pons *et al.* (2004) e a teoria de John Bowlby, bem como não explicam diferenças entre crianças Inseguro-Ansiosas e crianças Inseguro-Evitantes.

Esta discussão de resultados foi dividida em 8 tópicos para facilitar o entendimento e reflexão, bem como organizar a discussão dos resultados.

1. O Apego e a Compreensão das Emoções: influência

Tal como Garrido-Rojas (2006), Shomaker e Furman (2009) e Attili *et al.* (2011) afirmaram, o Apego influencia a Compreensão das Emoções em uma relação direta, mas não exclusiva. Este resultado responde a primeira pergunta deste trabalho. A forma como os pais respondem a necessidade de seus filhos irá influenciar diretamente na maneira como as crianças irão interagir, explorar, entender as emoções dos outros e as suas. E, por sua vez, essa interação social é de extrema importância para o desenvolvimento social e cognitivo do indivíduo (Vygotsky, 1984; Oliveira, 1995). A maneira mais expressiva de se observar este resultado é a partir da projeção da Figura 1, cuja posição das variáveis utilizadas para sua construção é semelhante aos estudos apresentados.

Uma vez que a relação entre Apego e emoções é válida, é possível se estudar como essa influencia ocorre, apresentando-se inúmeras possibilidades de exploração, em que apenas algumas são contempladas aqui.

2. O Apego Seguro e Inseguro e os componentes emocionais

Considerando os dados da Tabela 7, é possível observar que os indivíduos que apresentaram Apego Seguro se sobressaem nos componentes Lembrança, Regulação, Ocultar, Misto e Moralidade; apresentam os mesmos resultados nos componentes Reconhecimento, Desejo e Crença; e resultados menores no componente Causa Externa apenas, se comparado com o Apego Inseguro (Ansioso + Evitante). Tais resultados demonstram que as crianças Seguras se sobressaem nos componentes de Compreensão das Emoções em relação a crianças Inseguras. Principalmente, as crianças Seguras só demonstraram menos competência apenas em um componente. No entanto, mesmo neste caso, possuem uma alta taxa de aproveitamento.

As crianças Seguras estão, dessa forma, mais aptas a compreender e controlar suas emoções, a compreender as emoções de outros indivíduos, a ter condições de explorar o ambiente. Em termos mais cotidianos, as crianças Seguras estão mais dispostas a falar em público, a tirar dúvidas em sala de aula, a conhecer novas pessoas, tal como coloca Attili, Vermigli e Roazzi (2011, no prelo). Attili, Vermigli e Roazzi (2009) trabalham diretamente com o Apego e a escola. Os autores apresentam que crianças Seguras tem um desempenho escolar maior, desempenho este proporcionado justamente pelo tipo de Apego que a criança possui.

Pelos resultados desta pesquisa, as crianças Seguras, de uma forma geral, compreendem melhor as emoções. E compreendendo melhor as emoções, estarão mais aptas a um desenvolvimento cognitivo e social superior ao apresentado por crianças Inseguras (Attili, Vermigli & Roazzi, 2011, no prelo; 2009; Mondim, 2005; Vygotsky, 1984).

3. O Apego Inseguro-Ansioso e os componentes emocionais dominados

O Apego Inseguro-Ansioso está caracterizado pelo sentimento de ansiedade, pelo medo que a criança tem de separar-se de sua figura cuidadora, uma vez que esta apresenta inconstância em atender as necessidades do infante (Ainsworth, 1989).

Observando a Tabela 7, as crianças Inseguro-Ansiosas se sobressaem nos componentes Desejo e Crença; possuem os mesmos desempenhos dos outros dois tipos de Apego nos componentes Reconhecimento, Regulação e Moralidade, os dois últimos comparados com o Apego Inseguro-Evitante; e se mostram inferiores nos componentes Ocultar e Misto. Se compararmos as crianças Inseguro-Ansiosas com as crianças Inseguro-Evitantes, as crianças Inseguro-Ansiosas se sobressaem nos componentes Desejo, Crença e Lembrança; possuem o mesmo desempenho nos componentes Reconhecimento, Regulação e Moralidade; e apresentam desempenho inferior nos componentes Causa Externa, Ocultar e Misto.

Como coloca Ainsworth (1989), a criança Inseguro-Ansiosa precisa sempre estar perto do cuidador, tendo a certeza de sua presença e proximidade. O medo da separação é o sentimento mais presente neste tipo de Apego. Neste caso, a criança Inseguro-Ansiosa tenderá a fazer o que for possível para não se afastar de seu cuidador, não observando o ambiente ao seu redor, não avaliando as reações das pessoas a sua volta.

Os dados encontrados nesta pesquisa corroboram o fato que as crianças Inseguro-Ansiosas não dominam de forma satisfatória o construto Compreensão das Emoções, uma vez que a necessidade de satisfazer suas vontades se sobressai à exploração do ambiente. No entanto, em relação às crianças Inseguro-Evitantes, as

crianças Inseguro-Ansiosas apresentam mesmo desempenho, indicando que tanto a inconstância quanto a indiferença do cuidador pode ser prejudicial ao indivíduo.

É válido observar em quais componentes os indivíduos com Apego Inseguro-Ansioso se sobressairam: Desejo e Crença. Estes dois componentes, como coloca Pons *et al.* (2004), estão ligados a querer e acreditar. O Desejo está ligado intimamente ao que o Apego Inseguro-Ansioso representa: a necessidade de ter seus desejos atendidos, a compreender que desejo influi em emoção. A crença está ligada ao que a criança acredita ser o que ela quer, independente de ser correto ou não, e que esta crença influi na emoção sentida. Nestes casos, a criança Inseguro-Ansiosa precisa perceber como estas duas situações afetam as emoções para que ela possa obter o que deseja. Por sua vez, apresentam os menores desempenhos nos componentes Ocultar e Misto. O componente Ocultar está ligado ao fato de não demonstrar a verdadeira emoção aos outros, e o Misto está em compreender que uma pessoa pode sentir duas emoções ao mesmo tempo, sendo este um componente mais refinado (Pons *et al.*, 2004). A criança Inseguro-Ansiosa não desenvolve facilmente as ferramentas cognitivas necessárias para ocultar seus sentimentos e compreender a dualidade das emoções, uma vez que este indivíduo não tem facilidade em refletir se o que está sentindo deve ser exposto ou não. Seu objetivo não é mascarar suas emoções ou compreender a dos outros, é apenas manter contato constante com a figura cuidadora.

4. O Apego Inseguro-Evitante e os componentes emocionais dominados

Pela Tabela 7, o Apego Inseguro-Evitante se sobressaiu nos componentes Causa Externa e Misto; possuem o mesmo desempenho que os outros dois tipos de

Apego no componente Reconhecimento e apenas com o Apego Inseguro-Ansioso nos componentes Regulação e Moralidade; e possuem rendimento inferior nos componentes Desejo, Crença e Lembrança. Se compararmos apenas com o Apego Inseguro-Ansioso, o Apego Inseguro-Evitante se sobressaiu nos componentes Causa Externa, Ocultar e Misto; apresentou mesmo rendimento nos componentes Reconhecimento, Regulação e Moralidade; e apresentou rendimento inferior nos componentes Desejo, Crença e Lembrança.

Segundo Ainsworth (1989), o Apego Inseguro-Evitante tem como principal sentimento o medo da dependência ao outro, desencadeando a indiferença como principal característica emocional. A criança com Apego Inseguro-Evitante não demonstra seus sentimentos, bem como não tem interesse em entender os sentimentos dos outros.

Se observarmos os componentes que estas crianças menos dominam, veremos que estão ligados a desejos, crenças e lembranças, em que a criança precisa compreender o que o outro sente quando quer, acredita ou lembra algo. No entanto, a criança Inseguro-Evitante não se envolve profundamente com outro indivíduo para perceber este tipo de grau emotivo. A indiferença impede este tipo de percepção.

Este resultado corrobora a suposição de que o Apego Inseguro-Evitante não propicia o surgimento e evolução satisfatórios de ferramentas cognitivas e de interação social no indivíduo, se mostrando um empecilho ao desenvolvimento do sujeito.

Os próximos três subitens tratam das observações que podem ser inferidas a partir da projeção gerada utilizando-se o SSA.

5. A proximidade dos componentes nas facetas

A projeção do SSA calculado apresenta outro resultado que corrobora a divisão dos componentes emocionais proposta por Pons *et al.* (2004). Trata-se da maneira como os componentes se estruturam em termos de fases e sua relação com Apego.

Ao observarmos os componentes, nota-se que a Regulação está mais próxima ao Misto, a Lembrança está mais próximo ao Desejo e a Crença é o mais distante da Moralidade, ambos em cantos oposto do SSA.

O componente Regulação trata da capacidade da criança em regular suas próprias emoções, em criar estratégias para domar o que sente, em que estas estratégias se modificam e se aprimoram com o passar do tempo. O componente Misto trata da capacidade da criança de entender que é possível se sentir duas emoções ao mesmo tempo para uma determinada situação. Ambos os componentes tratam da dualidade de sentimentos, o controle sobre o que se sente, que ocasiona entender que há duas emoções envolvidas no controle, e mais de um sentimento ao mesmo tempo. De acordo com os resultados encontrados, a grande parte das crianças que dominou um componente também dominou o outro, mostrando quão próximos estes componentes estão em suas definições, tal como exposto por Pons *et al.*(2004).

O mesmo pode ser aplicado para explicar a proximidade que os componentes Desejo e Lembrança se encontram. O componente Desejo trata da percepção da criança em compreender que o desejo de uma pessoa influi na emoção sentida. O componente Lembrança trata do momento em que as crianças passam a perceber que existe relação entre a lembrança e a emoção. Ambos os componentes tratam da emoção e de um

pensamento que impulsiona esta emoção, seja este um desejo causado por uma lembrança de algo já vivido ou que se quer viver ou ter, seja este apenas uma lembrança. Mais uma vez, as respostas das crianças aproximam estes dois componentes, ratificando quão próximas estão suas definições, como proposto por Pons *et al.* (2004).

Entre os nove componentes emocionais já apresentados, os de definições mais divergentes são a Crença e a Moralidade. A Crença se refere a capacidade da criança de perceber que o que o indivíduo acredita, independente de sua verdade ou não, de ser correto ou não, influi em suas emoções. A Moralidade trata da capacidade da criança de perceber que ações moralmente corretas geram emoções positivas, e ações moralmente reprováveis geram emoções negativas, independente de ser o que o indivíduo deseja fazer. Se observarmos, pela Tabela 7, as respostas das crianças, nota-se que a grande maioria acertou o componente da Moralidade, enquanto a grande maioria não apresentou domínio sobre a Crença. Este fato mostra que as crianças, desde pequenas, são capazes de identificar o que é correto ou não, independente do tipo de Apego apresentado. É possível de se levantar a hipótese de que é mais fácil para a criança compreender os ensinamentos morais recebidos que compreender suas próprias crenças, além de ser mais fácil fazer o que foi ensinado como correto que ter que sentir a emoção da culpa. Esta hipótese é citada como uma futura pesquisa.

6. A localização de cada tipo de Apego em cada fase hierárquica

Considerando o SSA calculado, observa-se que cada tipo de Apego se localizou em uma região distinta, mas mais ainda, que o Apego Seguro está mais ao centro que os outros dois tipos de Apego Inseguro.

O Apego Inseguro-Evitante é caracterizado pela indiferença como o principal sentimento. As crianças que apresentam Apego Inseguro-Evitante tendem a não se aproximar emocionalmente do outro, a não tentar compreender as emoções mentais, bem como sentem medo de ficarem dependentes da figura cuidadora, principalmente, uma vez que este cuidador comete falhas em seu papel (Ainsworth, 1989; Mondim, 2005). A criança Inseguro-Evitante não possui o interesse em se aproximar emocionalmente do outro. Estas características explicam o fato das crianças Inseguro-Evitantes se localizarem distantes da fase Mental, em que os desejos mais pessoais, as lembranças, as crenças individuais estão localizadas, e a proximidade sentimental necessária para esse tipo de entendimento não é bem desenvolvido neste Apego. Pela Tabela 9, observa-se que o Apego Inseguro-Evitante está mais distante dos componentes da fase Mental e mais próximo dos componentes Reflexivos, corroborando a hipótese já apresentada.

As crianças Inseguro-Ansiosas, por sua vez, tem a ansiedade como o principal sentimento. O medo da separação da figura cuidadora controla seus sentimentos, uma vez que a pessoa que assume este papel, ora se mostra presente em atender as necessidades do infante, ora se mostra ausente. A dúvida que este comportamento inconstante causa leva a criança à situação de ansiedade (Ainsworth, 1989; Mondim, 2005). A criança com este tipo de Apego tende a não refletir sobre suas emoções, deixando seus desejos e lembranças se sobreporem aos sentimentos que devem ser controlados e compreendidos. Os componentes da fase Reflexiva exigem uma maturidade emocional mais elevada, que as crianças Inseguro-Ansiosas não apresentaram. Pela Tabela 9, observa-se que o Apego Inseguro-Ansioso está mais

distante dos componentes da fase Reflexiva e mais próximo dos componentes Mentais, corroborando a hipótese já apresentada.

Já as crianças Seguras, estas se localizam no centro das fases, na fase Externa. A criança Segura tem suas necessidades que precisam ser atendidas pela figura cuidadora, mas como esta figura sempre se mostra solícita e presente, a criança tem a certeza de que a figura cuidadora estará próxima a ela. A criança Segura não deixa de se mostrar ansiosa em certas situações ou indiferente em outras, mas é capaz de controlar suas emoções e consegue se aproximar de outros. Mesmo que os dados encontrados na Tabela 7 não demonstrem que as crianças seguras possuem domínio maior em todos os componentes em relação aos outros dois tipos de Apego, estes dados nos mostram o equilíbrio no construto das emoções das crianças Seguras. Elas não se apresentam como as melhores em todos os componentes, mas estão sempre próximas ou acima dos outros dois. Mesmo no componente Causa Externa, em que as crianças Seguras apresentam o menor domínio em relação as Inseguras, este valor não é baixo. Pela Tabela 9, é possível perceber que as distâncias deste Apego em relação aos demais componentes são próximas e equilibradas, corroborando a hipótese de que crianças Seguras são mais equilibradas emocionalmente.

Ou seja, as crianças seguras mostram um equilíbrio emocional maior, fato este mais desejável em termos de desenvolvimento (Vygotsky, 1984; Oliveira, 1985; Pons *et al.*, 2004), que os resultados apresentados pelas crianças Inseguro-Ansiosas e Inseguro-Evitantes.

7. As fases hierárquicas bem delimitadas em três facetas

Baseado no trabalho de Pons *et al.* (2004), Roazzi, Minervino, Roazzi e Pons (2008) propõem três fases hierárquicas que dividem os nove componentes emocionais (ver Tabela 3). As fases Externa, Mental e Reflexiva são bem definidas e com componentes bem delimitados. Cada uma delas englobam três componentes. A fase Externa é a fase mais simples, que requer menos maturidade emocional. Logo depois vem a fase Mental, que já requer mais conhecimento emocional do indivíduo, exigindo do indivíduo uma compreensão mental das emoções. Por último temos a fase Reflexiva, a última antes do amadurecimento emocional completo da criança.

O SSA calculado para esta pesquisa, a partir do Coeficiente de Jaccard, apresentou, exatamente como os trabalhos acima citados, as três fases bem delimitadas, sem intersecção entre elas, corroborando os estudos. Acima está a fase Reflexiva, ao meio se encontra a fase Externa e abaixo está a fase Mental.

A principal observação a ser feita é a ordem com que estas fases aparecem no SSA gerado. A fase Externa, mais simples, está localizada entre as outras duas, unindo-as. Esta fase contém os componentes Reconhecimento, Causa Externa e Lembrança. O componente Reconhecimento apresentou 100% de acerto, não tendo sido considerado para os cálculos. Esta localização central da fase Externa mostrou que os componentes mais simples estão em equilíbrio com os três tipos de Apego, sendo os que unem os outros componentes. Além deste fato, esta distribuição de fases ocorre pela posição do Apego Seguro na Figura 1. As crianças de Apego Seguro, localizadas no centro, se encontram na mesma distância entre as duas fases, mostrando o equilíbrio emocional delas, enquanto as crianças Inseguro-Ansiosas e Inseguro-Evitantes separam estas fases conforme suas características de Apego, explicadas no item acima.

Ou seja, tais resultados corroboram os estudos de Roazzi, Minervino, Roazzi e Pons (2008), com a delimitação explícita das fases, como esperado. Mas mais ainda, a divisão das fases apresenta a principal conclusão deste trabalho: o equilíbrio emocional que o Apego Seguro causa nas crianças e como o Apego Inseguro-Ansioso e Inseguro-Evitante se mostram prejudiciais para a Compreensão das Emoções dos indivíduos.

8. A idade e os componentes do TEC

Ao definir e explicitar os componentes emocionais e construir o TEC, Pons *et al.* (2004) atribuiu a cada componente uma faixa etária em que as crianças começariam a dominar as características emocionais de cada um. A grande parte dos componentes se manifesta entre os 3 e 6 anos (vide Tabela 2), à exceção dos componentes Regulação (6 a 7 anos) e Misto e Moralidade (8 a 9 anos).

O tamanho relativamente baixo da amostra desta pesquisa impediu encontrar resultados que pudessem corroborar que o desenvolvimento emocional de crianças Seguras pudesse ocorrer mais cedo que de crianças Inseguras. Para crianças na faixa etária de 5 anos, considerando o componente Lembrança, as relações Seguro x Inseguro-Ansioso ($p = 0,07$) e Seguro x Inseguro ($p = 0,06$) deram marginalmente significativas, e para o componente Regulação, as relações Seguro x Inseguro-Ansioso ($p = 0,07$) e Seguro x Inseguro ($p = 0,06$) também deram marginalmente significativas. Como apenas estes resultados foram próximos ao aceitável, nada pode-se afirmar destes valores.

Para crianças de 6 anos, esta amostra não obteve nenhum indivíduo Inseguro-Evitante. A única relação significativa ocorreu no componente Lembrança, entre Seguro

x Inseguro-Ansioso ($p = 0,04$). Neste caso, só é possível afirmar que o domínio do Apego Seguro para este componente é superior ao do Apego Inseguro-Ansioso, uma vez que aos 6 anos as crianças já devem estar aptas neste componente.

Como futuras pesquisas é sugerido que se repita o estudo desta hipótese com uma amostra maior, contendo mais indivíduos de cada tipo de Apego em cada faixa etária.

2.6. Conclusão

Esta pesquisa teve por objetivo compreender a relação do construto Apego com o construto Compreensão das Emoções. Neste campo psicológico, do desenvolvimento social e cognitivo humano, os estudos de John Bowlby e Francisco Pons, Marc de Rosnay e Paul Harris foram primordiais para a realização deste trabalho.

Se considerarmos a Teoria do Apego, Bowlby (1984) define o construto como a disposição da criança em buscar proximidade e contato com uma pessoa específica. E o objetivo desta busca se traduz como o estabelecimento do senso de segurança. O Apego irá, então, ser a primeira forma de interação social do indivíduo. São nestas primeiras interações que o infante vai entendendo quais ações por ele realizadas fazem com que receba o que precisa de seu cuidador: uma mamadeira, algo para o incomodo do frio, e assim por diante. Acredita-se que são as relações de Apego que fazem a criança compreender que suas ações e reações irão alterar o meio em que ela se encontra. Vygotsky (1984), em seus trabalhos, já enaltecia a importância da interação social no desenvolvimento social e cognitivo humano.

Há quatro tipos de Apego: Apego Seguro, Apego Inseguro-Ansioso, Apego Inseguro-Evitante e Apego Desorganizado (Ainsworth, 1989; Main & Hesse, 1990). O Apego Seguro se caracteriza pelo senso de segurança que a criança possui em seu cuidador. A criança Segura sabe que poderá se afastar de seu cuidador, ou o cuidador se afastar dela, que ao retornar será correspondida em suas necessidades. A figura cuidadora, geralmente representada pela mãe, se mostra disponível sempre que a criança precisa.

O Apego Inseguro-Ansioso ocorre pela inconstância do cuidador. Ora o cuidador está presente e sana as necessidades do infante, ora ele está ausente, deixando a criança sem atenção. Esse comportamento gera uma ansiedade natural em que o indivíduo passa a não querer se afastar do cuidador, exigindo sempre sua atenção. O Apego Inseguro-Evitante é o oposto do Inseguro-Ansioso. Desenvolve-se quando o cuidador não se apresenta em suas obrigações. A criança não recebe a atenção necessária ao que precisa e passa a ser indiferente ao cuidador, não dando importância a sua ausência ou presença. O Apego Desorganizado é uma mistura dos três tipos de Apego, onde em um momento o indivíduo apresenta sinais de ansiedade, em outro momento de indiferença e, ainda, apresenta sinais de Apego Seguro. Geralmente este tipo de Apego está ligado a grandes traumas, como abusos sexuais, traumas de guerra e violência doméstica (Main & Hesse, 1990).

Já o construto da Compreensão das Emoções (Pons *et al.*, 2004) trata da capacidade da criança em compreender e controlar suas emoções, bem como compreender as emoções dos outros. Nove componentes emocionais foram definidos por Francisco Pons, Marc de Rosnay e Paul Harris a partir de uma reunião de mais de 20 estudos. Reconhecimento, Causa Externa, Desejo, Crença, Lembrança, Regulação,

Ocultar, Misto e Moralidade são os nove, cada um com sua faixa etária mais apropriada e suas características. Roazzi *et al.* (2008) dividiu os nove componentes em três fases hierárquicas: Externa, Mental e Reflexiva. A fase Externa está ligada ao reconhecimento das emoções de forma superficial; a fase Mental trata das emoções que exigem mais compreensão dos estados mentais; e a fase Reflexiva está ligada ao processo de reflexão sobre as causas mentais da emoção.

Sendo assim, esta dissertação investigou como as relações de Apego entre pais e filhos podem influenciar na Compreensão das Emoções dos filhos, uma vez que a Compreensão das Emoções se mostrou de extrema importância para o sucesso social do indivíduo (Martin *et al.*, 1988; Palinsin, 1986; Pons *et al.*, 2004; Roazzi *et al.*, 2008; Machado *et al.*, 2008a)

Foi realizada a aplicação de dois testes com 32 crianças entre 4 e 6 anos de idade: o TEC, em que as crianças precisavam reconhecer as faces com diferentes emoções e escolher a correta para cada história e o SAT, em que as crianças precisavam descrever como o personagem iria se sentir a partir de uma situação contada.

Os resultados mostraram que o estilo de Apego entre pais e filhos influencia a Compreensão das Emoções pelos filhos, em que se pode observar que as crianças Seguras apresentam um equilíbrio emocional maior que as crianças Inseguro-Ansiosas e Inseguro-Evitantes, mas mais ainda, que crianças Inseguras se sobressaem em alguns componentes emocionais.

As crianças Seguras demonstraram mais equilíbrio emocional em relação às outras crianças. O Apego Seguro não apresentou o maior domínio cognitivo apenas no componente Causa Externa, e, adicionalmente, tal Apego apresentou bons resultados na

maioria deles. Tais dados demonstraram que as crianças Seguras possuem uma maturidade emocional superior, em que o Apego Seguro é mais benéfico para o desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo.

As crianças Inseguro-Ansiosas, por sua vez, demonstraram que não dominam bem as emoções em relação às crianças Seguras, exatamente como as crianças Inseguro-Evitantes. As crianças Inseguro-Ansiosas estão mais dependentes emocionalmente de seus cuidadores. Tal dependência impede que estes indivíduos explorem o ambiente, ou que raciocinem de forma satisfatória sobre suas emoções, no sentido de controlá-las e compreendê-las. As crianças Inseguro-Evitantes já possuem a indiferença como principal característica, não tendo interesse em observar e interagir com o que a cerca. As crianças Inseguras não obtiveram escores satisfatórios em grande parte dos componentes testados.

Os resultados também mostraram as fases hierárquicas propostas por Roazzi *et al.* (2008) sem intersecções, corroborando os estudos de Pons *et al.* (2004). No SSA calculado, o Apego Seguro se localiza no centro das fases, mostrando que o equilíbrio emocional presente no Apego Seguro é real, como sugeria uma das hipóteses aqui levantada. O Apego Inseguro-Evitante se localiza longe da fase Mental, fase esta em que é necessário compreender os desejos e crenças do outro. No entanto, esta compreensão exige uma aproximação com o outro indivíduo, o que não ocorre com crianças de Apego Inseguro-Evitante. Já o Apego Inseguro-Ansioso ficou localizado longe da fase Reflexiva, caracterizada pela necessidade reflexão sobre as emoções, calma na hora de compreender uma dualidade emocional, fato este que não está presente nas crianças Inseguro-Ansiosas, cuja necessidade do cuidador e a ansiedade em suprir suas necessidades se sobressai.

Podemos concluir este capítulo, bem como este trabalho, com a certeza de que o estilo de Apego influi na Compreensão das Emoções e interfere no desenvolvimento social e cognitivo do indivíduo. Uma criança Segura se mostra mais madura emocionalmente que uma criança Insegura, sendo capaz de obter um sucesso social maior. Também foi possível se comprovar a grande maioria das hipóteses aqui levantadas, bem como observar resultados que corroboram com as pesquisas utilizadas nesta dissertação.

2.7. Perspectivas de Futuras Pesquisas

Os resultados encontrados na pesquisa aqui apresentada apenas iniciaram um longo caminho de possíveis trabalhos a serem realizados no futuro. O campo do Apego e das Emoções é extenso e pouco explorado no Brasil, sendo possíveis e necessárias diversas pesquisas neste ramo da Psicologia Cognitiva.

Uma primeira pesquisa possível é o aprofundamento do estudo em questão, com uma amostra maior de crianças em cada faixa etária, para ser possível, desta forma, corroborar ainda mais os dados encontrados. Com uma quantidade maior de crianças em cada faixa etária, é possível se verificar se o Apego Seguro faz com que as crianças se desenvolvam emocionalmente mais cedo, além de verificar se a faixa etária proposta por Pons *et al.*(2004) para cada componente emocional pode ou precisa ser modificada.

Ainsworth (1989) coloca que o Apego infantil irá se estender até a idade adulta. Outra pesquisa possível é levantar a hipótese de que, mesmo na idade adulta, os indivíduos Inseguros não dominam bem suas emoções, bem como não compreendem

bem as emoções do parceiro, e que esse tipo de Apego pode ser estendido para os relacionamentos amorosos e para os filhos.

Outra hipótese passível de investigação é se crianças com Apego Inseguro não podem obter alguma vantagem emocional ou social da indiferença ou ansiedade ou ambos.

Crianças com maior poder aquisitivo tendem a apresentar que tipo de Apego? A tríade poder aquisitivo – emoções – Apego é significativa? O trabalho dos pesquisadores Minervino *et al.* (2010) trabalha com crianças moradoras de rua e a Compreensão das Emoções, mostrando que tais crianças não dominam bem as emoções. No entanto, esta pesquisa não considera o Apego como variável, bem como não compara diferentes classes sociais.

A hipótese que surgiu ao longo da pesquisa, de que é mais fácil para a criança compreender os ensinamentos morais recebidos que compreender suas próprias crenças, além de ser mais fácil fazer o que foi ensinado como correto que ter que sentir a emoção da culpa, também se mostra como uma possibilidade de estudo futura.

Muitas outras pesquisas são possíveis, uma vez que o campo do Apego e da Compreensão das emoções é pouco explorado e extenso.

2.8. Implicações práticas

O Apego, como a primeira forma de interação social do indivíduo, se mostrou, ao longo deste estudo, como de extrema importância e influência para o sucesso social da criança. Principalmente, a criança com Apego Seguro é mais madura

emocionalmente, mais apta a explorar o ambiente em que se encontra, se desenvolvendo mais satisfatoriamente.

A principal conclusão que se pode obter deste estudo, considerando os resultados encontrados, é o fato de que os pais devem ser solícitos aos seus filhos. O ato de deixar a criança chorar, não a acalentando, para evitar um comportamento fraco, em que a criança não se apresenta segura diante das adversidades da vida, não é correto e nem deve ser incentivado. Acalentar não deve ser sinônimo de permitir qualquer comportamento. Acalentar uma criança deve ser sinônimo de educar, de estar presente para dizer o “sim” ou o “não” necessário, de não permitir que a criança se sinta abandonada. Manter a constância de ordens e regras dadas a criança também é se tornar presente. Responder as necessidades do filho está conectado a certeza que a criança terá de sempre ter seus pais próximos, mesmo quando se afasta ou quando precisa de ajuda.

John Bowlby enaltece tanto a relação mãe-filho e a importância no desenvolvimento cognitivo do sujeito, que dedicou anos de estudo ao tema, concluindo quão prejudicial é a separação do cuidador com o infante.

O que podemos observar de toda a discussão ao longo deste projeto é que quanto mais presente os pais estiverem no dia-a-dia de suas crianças, quanto mais seguras as crianças forem, mais elas estarão aptas para enfrentar o mundo e construir algo de valor para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- Abreu, C. N. de. (2005). *Teoria do Apego. Fundamentos, pesquisas e implicações clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ainsworth, M.D.S. (1989). The development of infant-mother attachment. Em B. Caldwell & H. Ricciuti (Orgs.), *Review of Child Development Research* (Vol. 3, pp. 1 - 94). Chicago: University of Chicago Press.
- Ainsworth, M.D.S., Blehar, M.C., Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Attili, G. (2001). *Ansia da Separazione e misura dell'Attaccamento normale e patológico. Versione modificata e adattamento italiano del Separation Anxiety Test (SAT) di Klagsbrun e Bowlby*. Milano: Edizioni Unicopli.
- Attili, G., Vermigli, P., Roazzi, A. (2009). L'effetto combinato della relazione con la madre e con il padre sul successo sociale. *Giornale di Psicologia*, 3(2), 113-123.
- Attili, G., Vermigli, P., Roazzi, A. (2010). Children' social competence, peer status and the quality of mother-child and father-child relationships: a multidimensional scaling approach. *European Psychologist*, 15(1), 23-33.
- Attili, G., Vermigli, P. & Roazzi, A. (2011, no prelo). *Parents' attachment working models and the observed quality of mother-child and father-child relationships: a link with children' peer social status and behaviour at school*.
- Attili, G., Alessandro, T., Gianfelice, S. Di & Roazzi, A. (2011). Childrens Family Drawings and Attachment: A Multidimensional Scaling Approach to study Internal Working Models. In Y. Fisher & I. A. Friedman (Orgs.), *New horizons For Facet Theory: searching for Structure in Content Spaces and Measurement* (Vol. 1, pp. 111-122). Israel: FTA.
- Beck, R. & McDonald, A. (2004). Attachment to God: the attachment to God inventory, tests of working model correspondence, and an exploration of faith group differences. *Journal of Psychology and Theology*, 32(2), 92-103.
- Bloombaum, M. (1970). Doing Smallest Space Analysis. *Journal of Conflict Resolution*, 14, 409-416.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. I*. London: Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. II*. London: Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. III*. London: Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1984). *Apego*. São Paulo: Martins Fontes.

- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do Apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (2001). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brennan, K. A., Clark, C. L. & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Orgs.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
- Carvalho, Q. C. M., Braga, V. A. B., Galvão, M. T. G. & Cardoso, M. V. L. M. L. (2010). Imaginário de mães de crianças vítimas de abuso sexual: um ideal de superação. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 11(3), 57-67.
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (1999). Avaliação da representação mental da relação de Apego através do desenho da família: Um estudo com crianças brasileiras. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 51(4), 39-51.
- Crowell, J. & Treboux, D. (1995). A review of adult attachment measures: Implications for theory and research. *Social Development*, 4(3), 294-327.
- Dalbem, J. X. & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do Apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24.
- Denham, A., McKinley, M., Couchoud, E. A. & Holt, R. (1990). Emotional and behavioral predictors of preschool peer ratings. *Child Development*, 61, 1145-1152.
- Garrido-Rojas, L. (2006). Apego, emoción y regulación emocional. Implicaciones para la salud. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 38(3), 493-507.
- Grossmann, K. & Grossmann, K. E. (2011). *O impacto do Apego à mãe e ao pai e do apoio sensível à exploração nos primeiros anos de vida sobre o desenvolvimento psicossocial das crianças até o início da vida adulta*. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância. Recuperado em 01 de Agosto de 2011, de <http://www.encyclopedia-crianca.com/documents/GrossmannPRTxp1.pdf>.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheurer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Fathers' sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year long study. *Social Development*, 11, 307- 331.
- Haskuka, M., Sunar, D. & Alp, I. E. (2009). War exposure, attachment style, and moral reasoning. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 39(4), 381-401.
- Henderson, A. J. Z., Bartholomew, K. & Dutton, D. G. (1997). He loves me; He loves me not: attachment and separation resolution of abused women. *Journal of Family Violence*, 12, 169-191.

- Henderson, A. J. Z., Bartholomew, K., Trinke, S. J. & Kwong, M. J. (2005). When loving means hurting: an exploration of attachment and intimate abuse in a community sample. *Journal of Family Violence*, 20(4), 219-230.
- Kaplan, N. & Main, M. (1986). *Instructions for the classification of children's family drawings in terms of representation of attachment*. Berkley: University of California.
- Karavasilis, L., Doyle, A.B. & Markiewicz, D. (2003). Associations between parenting style and attachment to mother in middle childhood and adolescence. *International Journal of Behavioral Development*, 27, 153-164.
- Kurdek, L.A. (2008). Pet dogs as attachment figures. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25(2), 247-266.
- Machado, P., Veríssimo, M., Torres, N., Peceguina, I., Santos, A. J. & Rolão, T. (2008). Relações entre o conhecimento das emoções, as competências académicas, as competências sociais e a aceitação entre pares. *Análise Psicológica*, 3(26), 463-478.
- Main, M. & Hesse, E. (1990). Parents' unresolved traumatic experiences are related to infant disorganized attachment status: Is frightened and/or frightening parental behavior the linking mechanism? In M. Greenberg, D. Cicchetti & M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: theory, research and intervention* (pp. 106 - 161). Chicago: University Press.
- Martin, R. P., Drew, D., Gaddis, L. R. & Moseley, M. (1988). Prediction of elementary school Achievement from preschool temperament: Three studies. *School Psychology Review*, 17, 125-137.
- Minervino, C. A. da S. M., Dias, M. da G. B.B., Silveira, N. J. D. da & Roazzi, A. (2010). Emoções nas Ruas: Uso do "Test of Emotions Comprehension" em Crianças em Situação de Trabalho na Rua. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 354-361.
- Mondin, E. M. C. (2005). Interações afetivas na família e na pré-escola. *Estudos de Psicologia*, 10 (1), 131-138.
- Obegi, J.H., Morrison, T.L. & Shaver, P.R. (2004). Exploring intergenerational transmission of attachment style in young female adults and their mothers. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21(5), 625-638.
- Oliveira, M. K. de. (1995). *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.
- Palinsin, H. (1986). Preschool temperament and performance on achievement tests. *Development Psychology*, 22, 766-770.
- Pons, F., & Harris, P. L. (2000). *TEC (Test of Emotion Comprehension)*. Oxford: Oxford University Press.

- Pons, F., Harris, P. L. & Rosnay, M. de. (2004). Emotional comprehension between 3 and 11 years: Developmental periods and hierarchical organization. *European Journal of Developmental Psychology*, 1(2), 127-152.
- Roazzi, A., Dias, M.G.B.B., Minervino, C.A.M., Roazzi, M. & Pons, F. (2008). Compreensão das Emoções em crianças: estudo transcultural sobre a validação do teste de compreensão da emoção TEC (Test of Emotion Comprehension). In *Actas da XIII Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp. 25-35). Braga : Psiquilíbrios.
- Roazzi, A., Dias, M. da G. B. B., Minervino, C.A. da S. M., Roazzi, M. & Pons, F. (2009). Children's comprehension of emotion: a cross-cultural investigation. In D. Elizur & E. Yaniv (Orgs.), *Facet New horizons in theory construction and data analysis* (pp. 83- 102). Jerusalem: FTA.
- Sabatier, C. & Lannegrand-Willems, L. (2005). Transmission of family values and attachment: a french three-generation study. *Applied Psychology: An International Review*, 54(3), 378-395.
- Schreiber, R. & Lyddon, W. J. (1998). Parental bonding and current psychological functioning among childhood sexual abuse survivors. *Journal of Counseling Psychology*, 45, 358-362.
- Sim, T.N. & Loh, B.S.M. (2003). Attachment to God: Measurement and dynamics. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20(3), 373-389.
- Shomaker, L. & Furman, W. (2009). Parent-adolescent relationship qualities, internal working models, and attachment styles as predictors of adolescents' interactions with friends. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26(5), 579-603.
- Tacón, A. M. & Caldera, Y.M. (2001). Attachment and Parental Correlates in Late Adolescent Mexican Women. *Hispanic Journal of Behavioral Science*, 23(1), 71-87.
- Veer, R. V. D. & Valsiner, J. (1996). *Vygotsky - Uma Síntese*. São Paulo: Loyola.
- Vygotsky, L. S. (1984). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2010). *Psicologia Pedagógica – Coleção de Textos de Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B. & Vogel, D. L. (2007). The experiences in Close Relationship Scale (ECR)-Short Form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment*, 88, 187-204.

APÊNDICE A

Teste de Compreensão das Emoções (TEC)

OBSERVAÇÃO: Este instrumento será aplicado na forma digital, em que as crianças lêem e escutam as perguntas e marcam a face que elas acreditam possuir a emoção correta. Caso seja um menino a ser entrevistado, utiliza-se nomes masculinos e figuras de meninos. Caso seja uma menina, utiliza-se nomes femininos e figuras femininas.

Pontos Preliminares

- A entonação da apresentação das histórias deve ser emocionalmente neutro.
- Sempre anote (*on line*) nas linhas as respostas dadas pelas crianças na folha de resposta. Se a criança der mais de uma resposta, anote a ordem.
- Nunca peça á criança para justificar sua resposta. (somente no final, se necessário).
- Componente I: Se a criança não conseguir produzir uma resposta, então o examinador deve apontar para cada figura, uma de cada vez (**da direita para a esquerda, de cima para baixo**) e pergunta enquanto aponta: “esta é uma (emoção alvo= **Feliz, Triste, com Raiva, Bem ou com Medo**)”?
- Componente I: Se a criança responder positivamente para duas ou mais figuras então o examinador pergunta, enquanto apontando para as opções: escolha o melhor para (emoção alvo)!
- Componente II a IX: Sempre aponte para os diferentes personagens e objetos envolvidos na história. No presente procedimento foram dados nomes aos personagens (Tonho e Sara), no entanto estes são opcionais.
- Componente II a IX: Sempre aponte e nomeie as quatro possíveis respostas.
- Componentes II a IX: No caso da criança apenas nomear a resposta, então o experimentador tem que pedir que a mesma aponte para sua resposta. A criança não precisa nomear a resposta.
- Componentes II a IX: sempre mostre as possíveis respostas após a apresentação da história.
- Componentes II a IX: Se a criança não conseguir responder então o examinador deve apontar para cada figura uma de cada vez (**da direita para a esquerda, de cima para baixo**) e pergunta enquanto aponta: Você acha que ele/ ela esta _____?
- Componente II a IX: se a criança responder positivamente para duas ou mais figuras então o examinador pergunta, enquanto apontando para as opções: escolha o que você acha que é melhor.

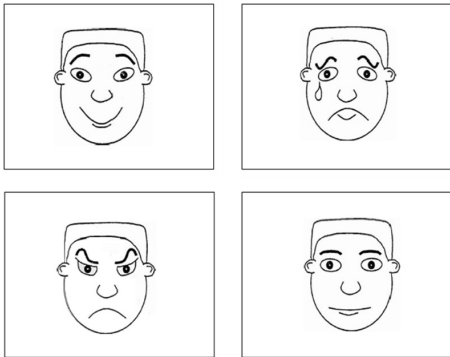
Introdução

Obrigada por me ajudar com este trabalho. Eu vou lhe mostrar algumas figuras e depois fazer algumas perguntas. Para cada pergunta você deve me dar a resposta que você acha melhor, apontando para a figura que você escolher. Se tiver alguma coisa que você não entendeu, é só me dizer, ta certo?

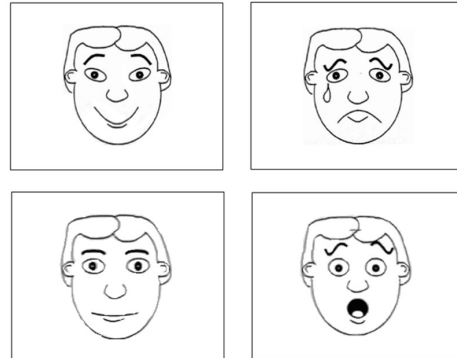
Componente I: Reconhecimento (p.1-5)

Vamos olhar para essas 4 figuras. Você poderia me apontar à pessoa que esta se sentindo:

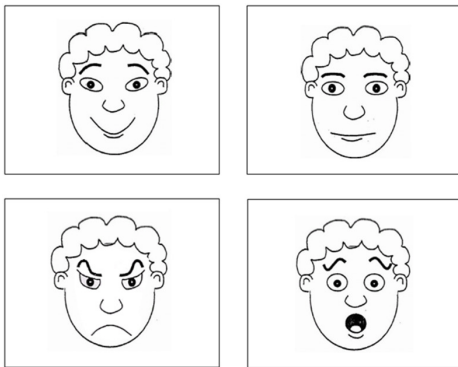
(p1) Triste



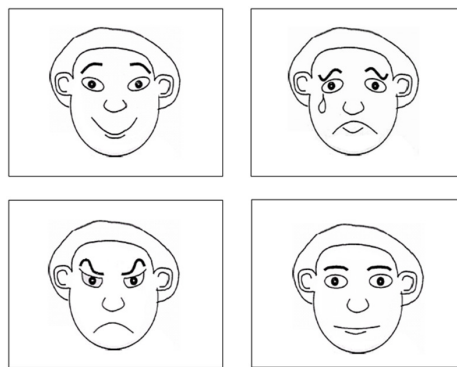
(p2) Feliz



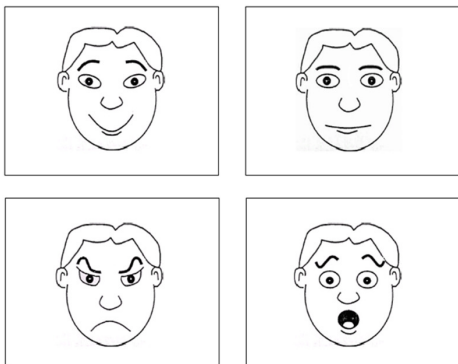
(p3) com Raiva



(p4) Bem



(p5) Com Medo (a)

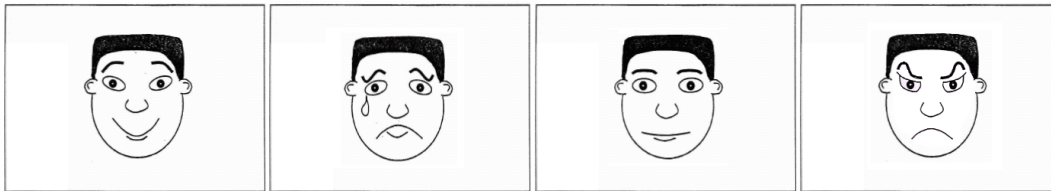
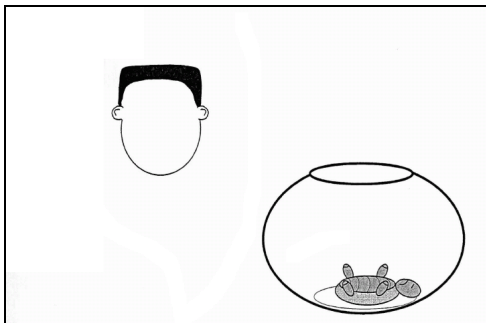


Transição

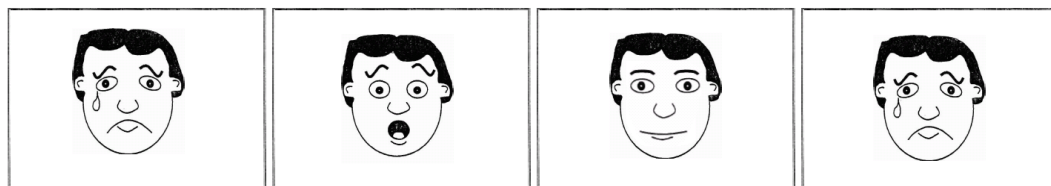
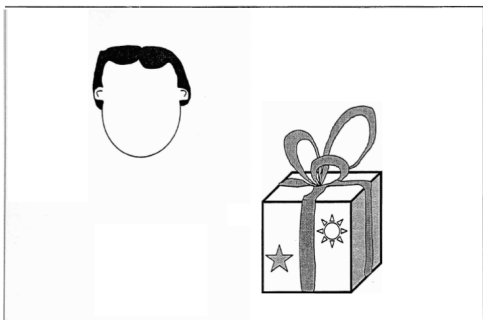
Ok! Agora nos vamos ver umas histórias. Eu gostaria que você ouvisse toda a história e depois eu vou lhe fazer uma pergunta. Você deve esperar que eu apresente a você todas as figuras antes de apontar para a resposta

Componente II: Causas externas (p.6-10)

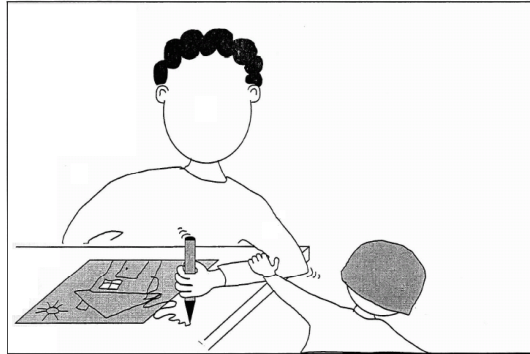
(p.6) Tartaruga: Este menino (a) está olhando para sua tartaruga que acabou de morrer. Como é que este menino (a) esta se sentindo? Ele (ela) está feliz, triste, com Raiva ou bem?



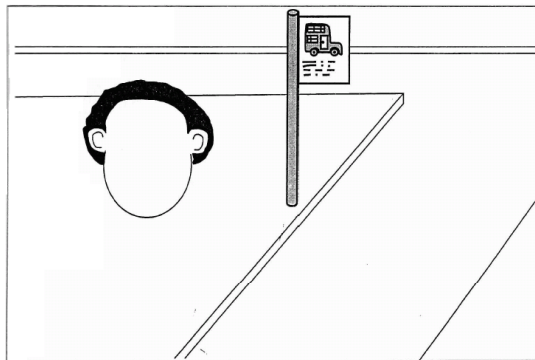
(p.7) Aniversário: Este menino (a) está ganhando um presente de aniversário. Como é que este menino (a) esta se sentindo? Ele (ela) está feliz, triste, bem ou com Medo?



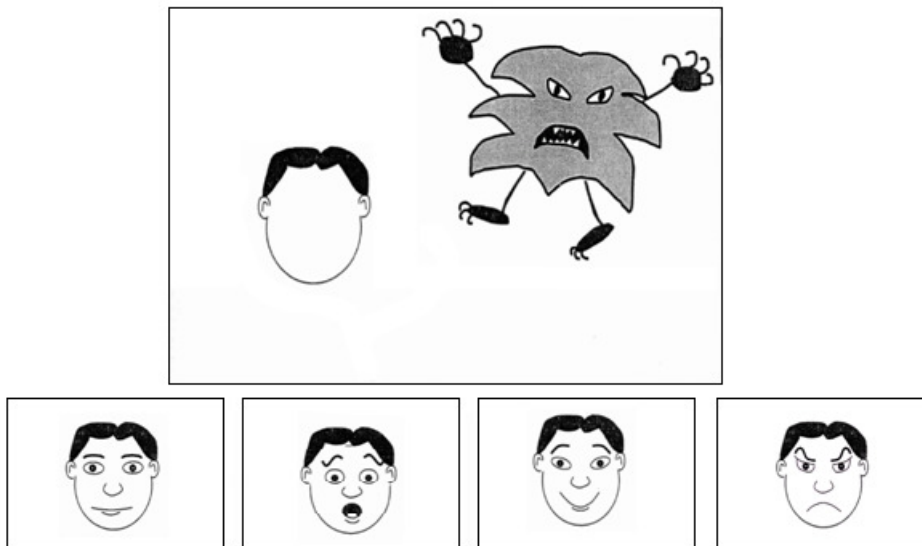
(p.8) Irmão: Este menino (a) está tentando fazer um desenho, mas seu irmãozinho (irmãzinha) não está deixando. Como é que este menino (a) esta se sentindo? Ele (ela) está feliz, bem, com Raiva ou com Medo?



(p.9) Ônibus: Este menino (a) está em pé na parada de ônibus. Como é que este menino (a) esta se sentindo? Ele (ela) está feliz, triste, com Raiva ou bem?

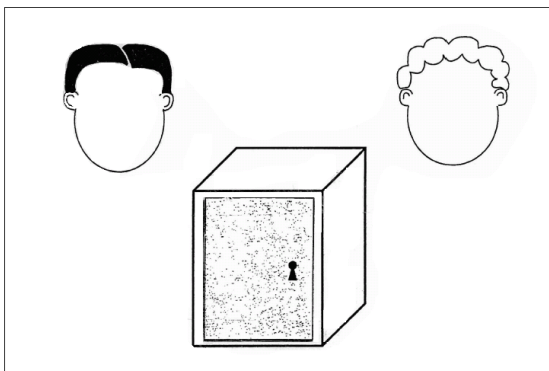


(p.10) Monstro: Este menino (a) está sendo perseguido por um monstro. Como é que este menino (a) esta se sentindo? Ele (ela) está feliz, bem, com Raiva ou com Medo?



Componente III: Desejos (pp.11-12)

(p11) Coca-cola: Este (a) é Tonho (Sara) e este (a) é Pedro (Helena). Tonho (Sara) e Pedro (Helena) estão com muita sede. Tonho (Sara) gosta muito de Coca-cola e Pedro (Helena) odeia Coca-cola.



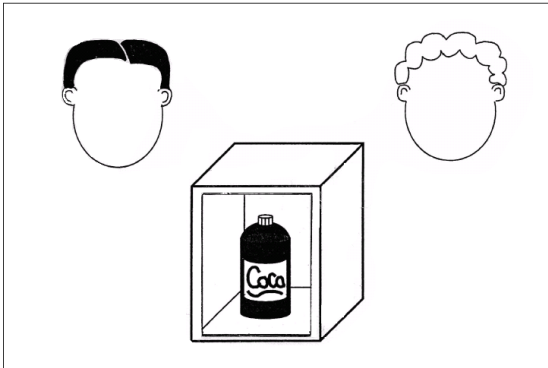
Pergunta de Controle:

Tonho (Sara) gosta de Coca-cola?

Pedro (Helena) gosta de Coca-cola?

Feedback positivo: É isso mesmo, Tonho (Sara) gosta de Coca-cola. / É isso mesmo, Pedro (Helena) não gosta de Coca-cola.

Feedback negativo: bem, na verdade, Tonho (Sara) gosta de Coca-cola/ : bem, na verdade, Pedro (Helena) não gosta de Coca-cola.

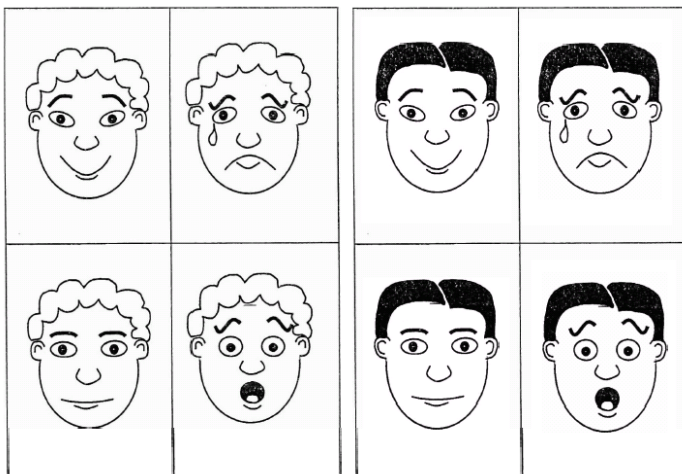
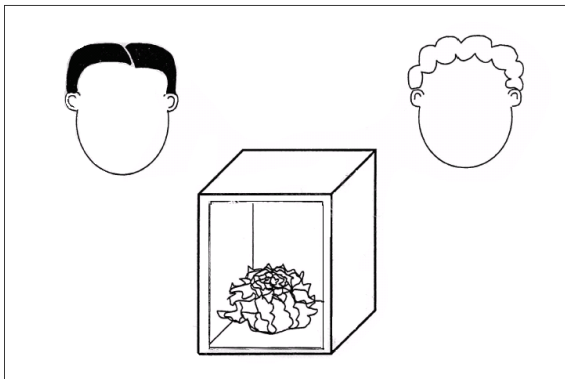


Você pode abrir a caixa para mim? Tem uma Coca-cola dentro da caixa!

Como Tonho (Sara) esta se sentindo quando vê a Coca-cola? Ele (ela) está Feliz, triste, bem ou com Medo?

Como Pedro (Helena) esta se sentindo quando vê a Coca-cola? Ele (ela) está Feliz, triste, bem ou com Medo?

(p12) Salada: Este (a) é Tonho (Sara) e este (a) é Pedro (Helena). Tonho (Sara) e Pedro (Helena) estão com muita fome. Tonho (Sara) odeia alface e Pedro (Helena) gosta muito de alface.



Pergunta de Controle:

Tonho (Sara) gosta alface?

Pedro (Helena) gosta de alface?

Feedback positivo: É isso mesmo, Tonho (Sara) não gosta de alface. / É isso mesmo, Pedro (Helena) gosta de alface.

Feedback negativo: bem, na verdade, Tonho (Sara) não gosta de alface/ : bem, na verdade, Pedro (Helena) gosta de alface.

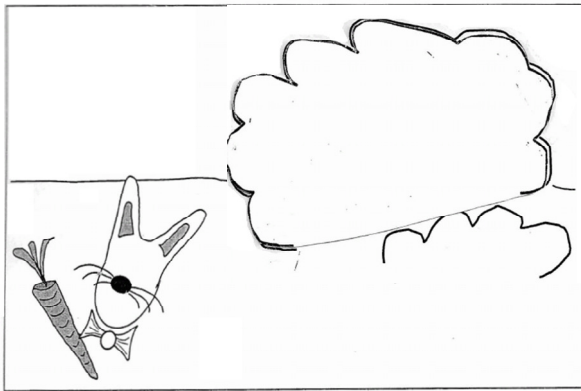
Você pode abrir a caixa para mim? Tem uma alface dentro da caixa!

Como Tonho (Sara) está se sentindo quando vê a alface? Ele (ela) está Feliz, triste, bem ou com Medo?

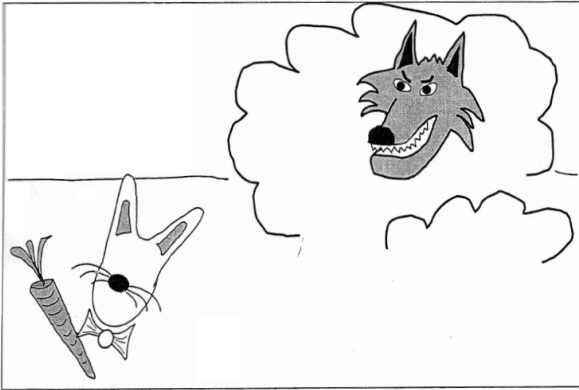
Como Pedro (Helena) está se sentindo quando vê a alface? Ele (ela) está Feliz, triste, bem ou com Medo?

Componente IV: Crenças (p.13)

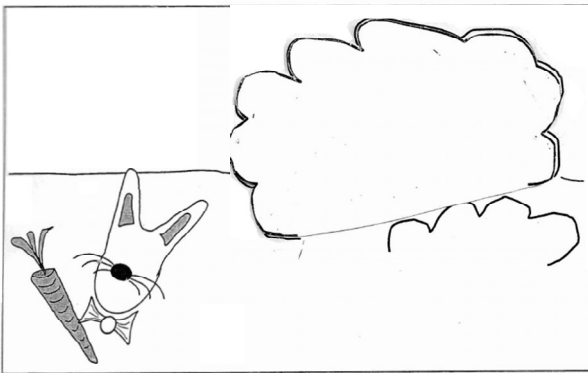
(P.13) Coelho: Este é o coelho de Tonho (Sara). Ele esta comendo uma cenoura. Ele gosta muito de cenoura.



Você pode olhar por trás dos arbustos? É um lobo. O lobo está escondido atrás dos arbustos por que ele quer comer o coelho.



Você pode colocar o arbusto de volta para que coelho não veja que o lobo esta escondido atrás dos arbustos?



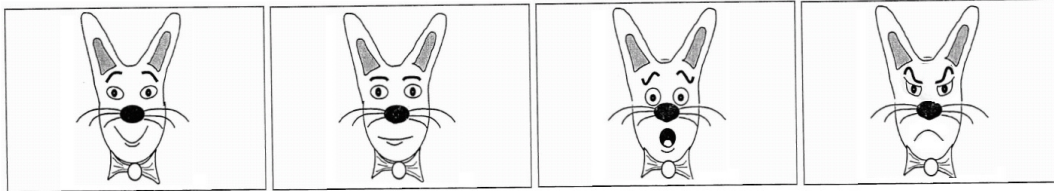
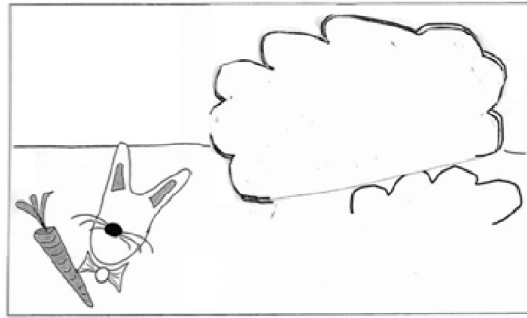
Pergunta Controle:

O coelho sabe que o lobo está escondido atrás dos arbustos?

Feedback positivo: É isso mesmo, o coelho não sabe que o lobo está escondido atrás dos arbustos.

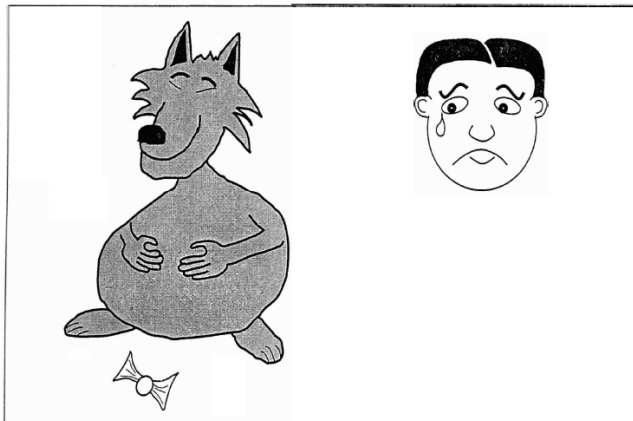
Feedback negativo: Bem, na verdade o coelho não sabe que o lobo está escondido atrás dos arbustos. (“ajuda”)

Como o coelho esta se sentindo? Ele esta feliz, bem, com Raiva ou com Medo?

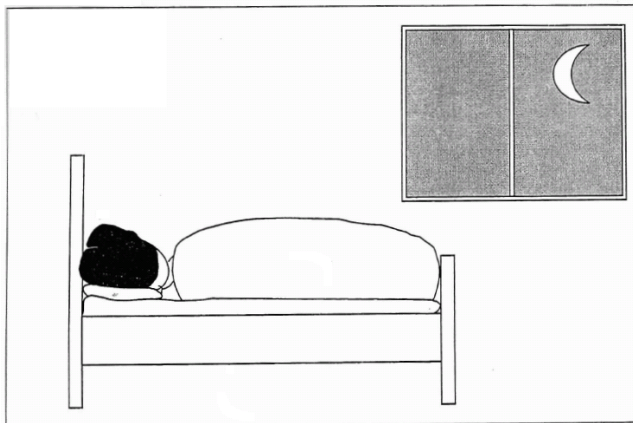


Componente V: Lembrança (pp.14-17)

(p.14) Tonho (Sara) está muito triste porque o lobo comeu seu coelho.

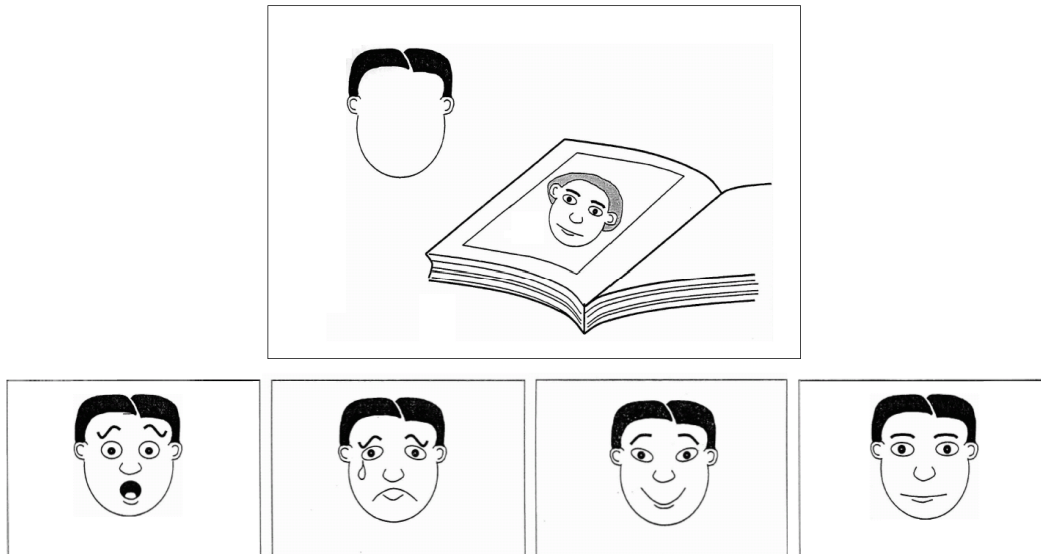


(p.15)... mais tarde, á noite, Tonho (Sara) vai dormir. No dia seguinte...



Pergunta controle:

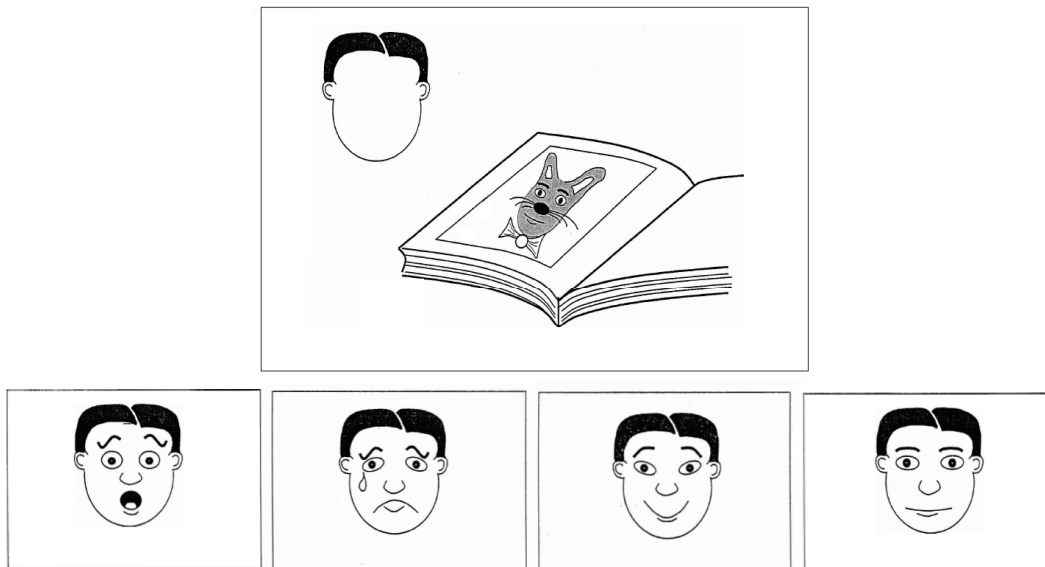
(p.16) Tonho (Sara) esta olhando para seu álbum de foto. Ele (ela) esta olhando para a fotografia de seu (sua) melhor amigo (amiga). Como é que Tonho (Sara) esta se sentindo ao olhar para a foto de seu (sua) melhor amigo (a)? Ele (ela) está feliz, triste, bem ou com Medo?



Feedback positivo: É isso mesmo, Tonho (Sara) esta se sentindo feliz ao olhar para a foto de seu (sua) melhor amigo!

Feedback negativo: Bem, na verdade Tonho (Sara) esta se sentindo feliz ao olhar para a foto de seu (sua) melhor amigo! (ajuda)

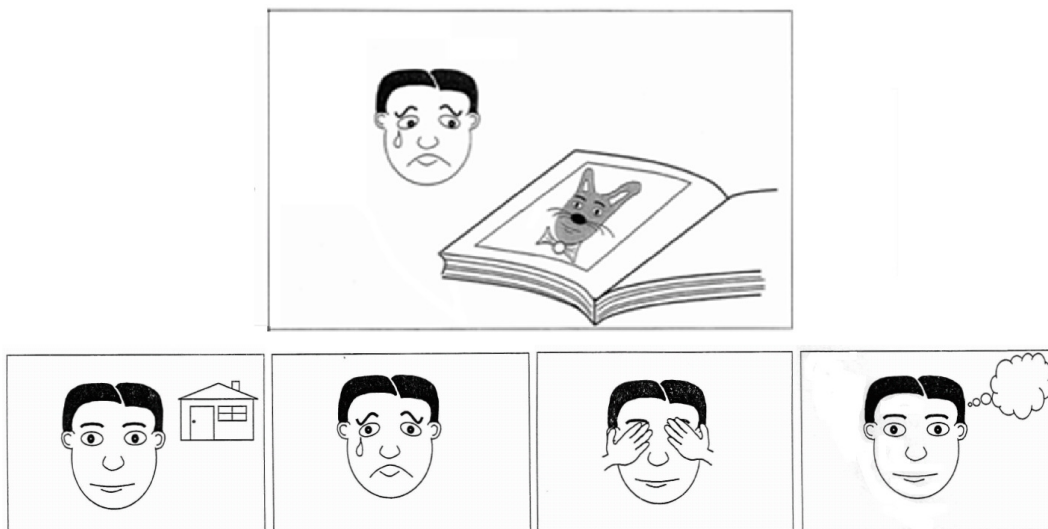
(p.17)... agora Tonho (Sara) esta olhando para a foto de seu coelho. Como Tonho (Sara) esta se sentindo ao olhar para a foto de seu coelho? Ele (ela) está feliz, triste, bem ou com Medo?



Componente VI: Regulações (p.18)

(p.18) Tonho (Sara) está olhando para a foto de seu coelho. Tonho (Sara) está muito triste porque seu coelho foi comido pelo lobo. Qual a melhor maneira para Tonho (Sara) parar de se sentir triste?

- Tonho (Sara) pode cobrir os olhos para parar de se sentir triste!
- Tonho (Sara) pode sair para parar de se sentir triste!
- Tonho (Sara) pode pensar sobre outra coisa para parar de se sentir triste!
- Não existe nada que Tonho (Sara) pode fazer para parar de se sentir triste!

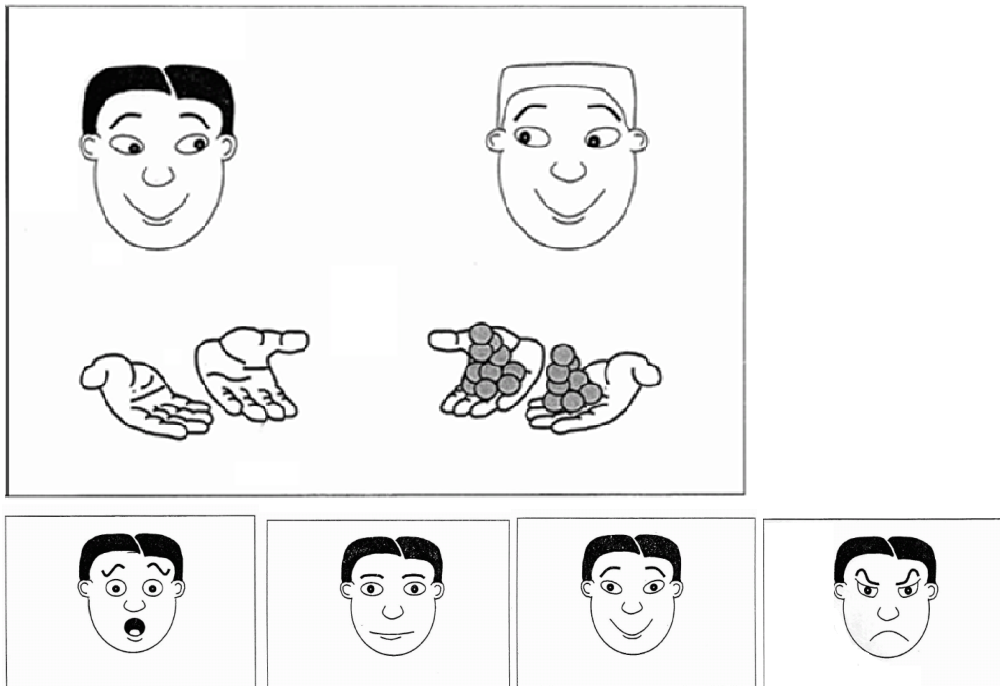


* Opção (se a criança disser que Tonho (Sara) pode comprar um coelho novo): Sim, ele (ela) pode comprar um coelho novo, mas Tonho (Sara) está muito triste por perder seu

coelho. Ele (ela) gostava muito de seu coelho. Qual é a melhor maneira para Tonho (Sara) parar de se sentir triste por causa de seu coelho?

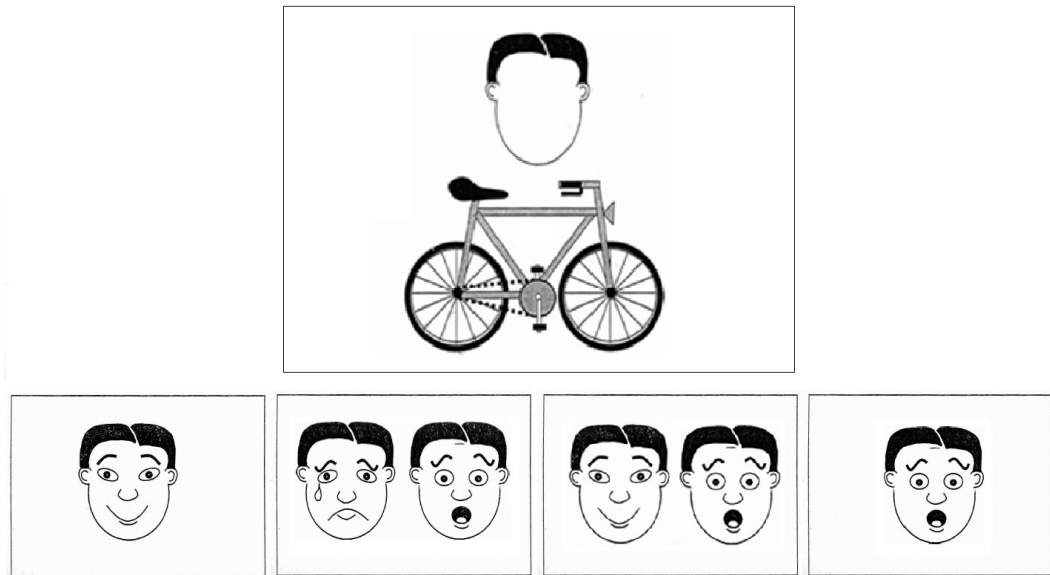
Componente VII: Aparência e realidade (p.19)

(p.19) Este é Tonho (Sara) e este é Daniel (Dorothy). Daniel (Dorothy) está mangando Tonho (Sara) porque Daniel (Dorothy) tem muitas bolas de gude e Tonho (Sara) não tem nenhuma. Tonho (Sara) esta sorrindo porque não quer mostrar a Daniel (Dorothy) como esta se sentindo por dentro. Como é que Tonho (Sara) esta se sentindo por dentro? Ele (ela) esta se sentindo feliz, bem, com raiva ou com medo?



Componente VIII: Misto (p.20)

(p.20) Tonho (Sara) esta olhando para a bicicleta nova que acaba de ganhar de aniversário. Mas ao mesmo tempo, Tonho (Sara) acha que pode cair e se machucar, pois nunca andou de bicicleta antes. Então, como Tonho (Sara) está se sentindo? Ele está “feliz”, “triste e com medo”, “feliz e com medo” ou “com Medo”.



Componente IX: Moralidade (p. 21-23)

(p.21) Tonho (Sara) esta visitando seu (sua) amigo (a) Pedro (Helena). Tonho (Sara) esta esperando sozinho(a) na cozinha. Tonho (Sara) vê uma jarra com alguns biscoitos de chocolate dentro. Ele (ela) quer muito comer um biscoito de chocolate. Ele os adora.

Pergunta Controle:

Está certo o (a) Tonho (Sara) comer logo os biscoitos de chocolate ou ele (ela) deve esperar pela mãe de Pedro (Helena) para pedir a ela?

Feedback Positivo: É isso mesmo, ele deve esperar porque é falta de educação pegar algo sem pedir permissão antes.

Feedback Negativo: Bem, na verdade ele deve esperar pois é falta de educação pegar algo sem pedir permissão antes.

Tonho (Sara) toca a tampa do pote de biscoito, mas consegue se controlar e não abre. Ele (ela) não comeu o biscoito porque não havia pedido permissão ainda.

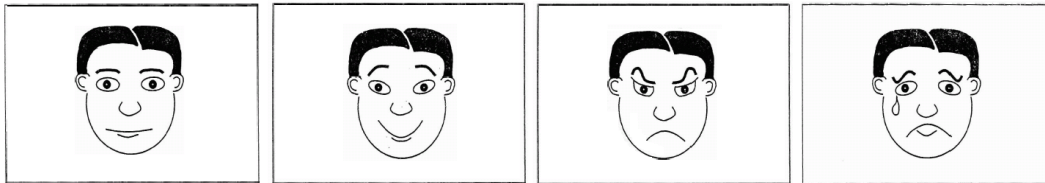
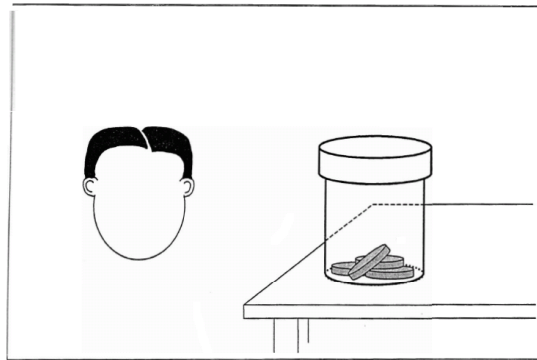
Como é que Tonho (Sara) se sente ao parar de tocar a tampa do pote de biscoito?

Ele (ela) se sente feliz por ter decidido parar?

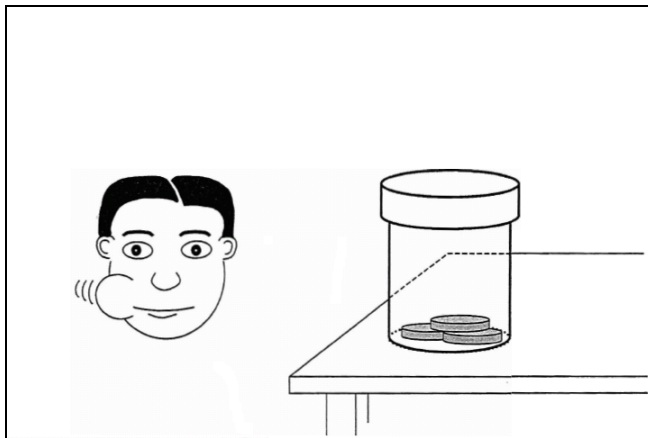
Ele (ela) se sente triste por ter decidido parar?

Ele (ela) se sente com Raiva por ter decidido parar?

Ele (ela) se sente bem por ter decidido parar?



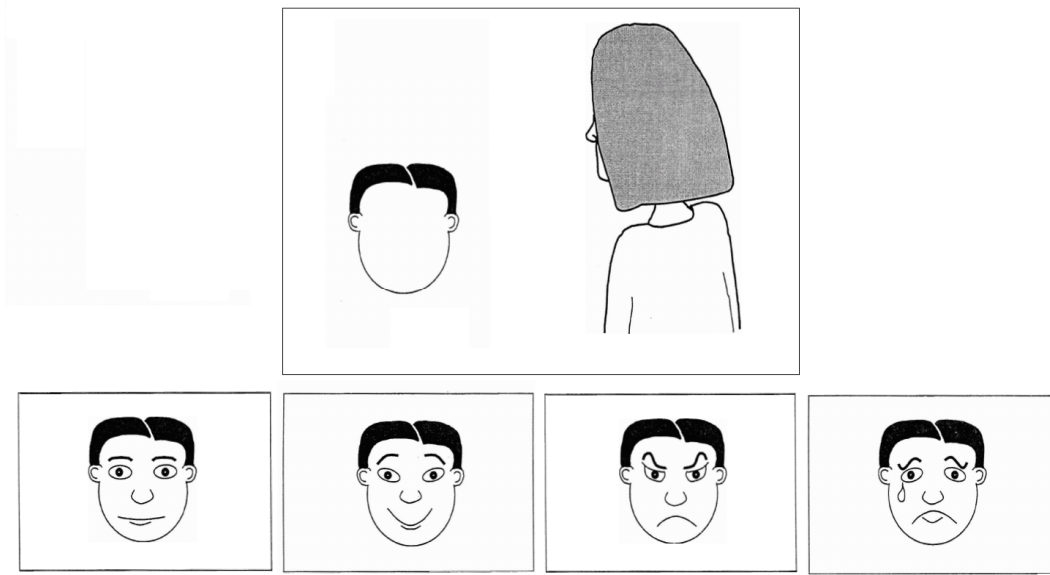
(p.22) Depois de algum tempo Tonho (Sara) não consegue se impedir de comer o biscoito de chocolate.



(p.23) Mais tarde, Tonho (Sara) vai para casa. Tonho (Sara) se lembra que comeu o biscoito de chocolate sem pedir permissão. Ele (ela) fica pensando se deve dizer a verdade á sua mãe. No fim, ele acaba não dizendo nada á sua mãe sobre ter pego o biscoito de chocolate.

Como é que Tonho (Sara) se sente em relação á isso?

- Ele se sente feliz por não ter dito nada á sua mãe?
- Ele se sente triste por não ter dito nada á sua mãe?
- Ele se sente Com Raiva por não ter dito nada á sua mãe?
- Ele se sente Bem por não ter dito nada á sua mãe?



Folha de Resposta

Escola:	Data da Aplicação:
Série:	Examinador:
Participante:	Duração da aplicação:
Sexo:	Protocolo No:
Idade:	

Paginas	Componente	Respostas				Comentários
		Feliz	Triste	Com Raiva	Bem	
1	Ia Triste	Feliz	Triste	Com Raiva	Bem	
2	Ib Feliz	Feliz	Triste	Bem	Com Medo	
3	Ic Com Raiva	Feliz	Bem	Com Raiva	Com Medo	
4	Id Bem	Feliz	Triste	Com Raiva	Bem	
5	Ie Com Medo	Feliz	Bem	Com Raiva	Com Medo	
6	Iia Tartaruga	Feliz	Triste	Com	Bem	

				Raiva		
7	Iib presente	Feliz	Triste	Bem	Com Medo	
8	Iic Irmão	Feliz	Bem	Com Raiva	Com Medo	
9	Iid Ônibus	Feliz	Triste	Com Raiva	Bem	
10	Iie Monstro	Feliz	Bem	Com Raiva	Com Medo	
11	III Controle	T(s) gosta de coca (ajuda) / p(h) não gosta de coca (ajuda)				
11	IIIa T. coca	Feliz	Triste	Bem	Com Medo	
11	IIIb P. N-coca	Feliz	Triste	Bem	Com Medo	
12	III Controle	T(s) não gosta de coca (ajuda) / p(h) gosta de coca (ajuda)				
12	IIIc T. N.Salada	Feliz	Triste	Bem	Com Medo	
12	IIId P. salada	Feliz	Triste	Bem	Com Medo	
13	IV Controle	O coelho não sabe (ajuda)				
13	IV Lobo-coelho	Feliz	Bem	Com Raiva	Com Medo	
14-16	V Controle	T (S) esta feliz (ajuda se triste, bem, com Medo).				
17	V Foto	Feliz	Triste	Bem	Com Medo	
18	VI Regulação	Mãos	Faz	Pensa	Nada	
19	VII Bolas de gude	Feliz	Bem	Com Raiva	Com Medo	
20	VIII Misto	Feliz	Triste/ com Medo	Feliz/ com Medo	Com Medo	
21	IX Controle	É malcriado (a) (ajuda)				
22	IX Resistir	Feliz	Triste	Com Raiva	Bem	
22-23	IXb Mãe	Feliz	Triste	Com Raiva	Bem	

APÊNDICE B

Separation Anxiety Test (SAT)

Instruções: Antes de aplicar o teste, o pesquisador deve distrair a criança por alguns minutos, para que ela se sinta mais a vontade ao responder as questões. Só deve estar na sala o pesquisador e a criança. Ao começar o teste, o pesquisador deve anotar a data e hora da coleta, a idade e o sexo da criança. Ao mostrar cada quadrinho, o pesquisador deve fazer as perguntas abaixo mostradas e anotar a resposta das crianças em uma folha. Caso a criança não saiba o que responder, o pesquisador poderá se utilizar de uma quantidade pré-selecionada de perguntas indicando possíveis respostas para que a criança escolha aquela que mais se adéque a sua opinião.

Perguntas referentes a cada desenho

Pergunta I: Na sua opinião, o que a(o) menina(o) está sentindo?

Pergunta II: Por que você acha que ela(e) se sente assim?

Pergunta III: O que você acha que a(o) menina(o) está fazendo agora?

Perguntas IV (cada pergunta deve ser feita relativa ao desenho indicado):

G1-B1\G2-B2\G3-B3\G5-B5: Na sua opinião, o que fará a criança quando revir os pais?

G4-B4: Na sua opinião, o que fará a criança ao se reaproximar dos pais?

G6-B6: Na sua opinião, o que fará a criança se a mãe decidisse ficar no quarto?

Desenhos de situações de contato e separação dos pais

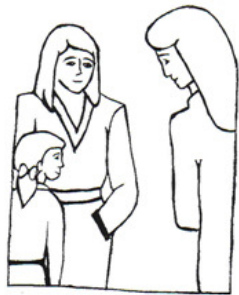
G1\B1) Neste desenho o pai e a mãe estão saindo pra se divertir e deixam a filha(o) em casa. A figura mostra o momento em que os pais se despedem dela(e). (S)(M)



G2) Este é o primeiro dia de escola. Na figura estão a professora e os colegas de classe. Faz pouco tempo que a mãe da menina a deixou na escola. (M)



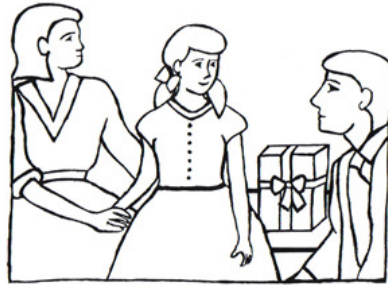
G3) O pai e a mãe vão viajar no final de semana. Na figura a mãe deixa a filha com a tia e se despede dela. (S)



G4) A menina foi ao parque com os pais. Na figura os pais pedem à filha para ir jogar um pouco sozinha porque eles querem estar a sós para conversar um pouco. (M)



G5) Os pais estão prestes a viajar por duas semanas e deixam a filha em casa. Antes de saírem deixam um presente legal para ela. Na figura os pais se despedem da menina. (S)



G6) A mãe leva a filha para a cama, dá boa noite e sai do quarto. (M)



Tabelas de preenchimento de respostas e comparações

<i>Formulário de Respostas I</i>			
<i>Separation Anxiety Test</i>			
Sexo:	Idade:	Data:	Hora:
Pergunta I: Na sua opinião, o que a(o) menina(o) está sentindo?			
G1\B1			
G2\B2			
G3\B3			
G4\B4			
G5\B5			
G6\B6			

Formulário de Respostas I			
Separation Anxiety Test			
Sexo:	Idade:	Data:	Hora:
Pergunta I: Na sua opinião, o que a(o) menina(o) está sentindo?			
Lista de Respostas Possíveis			
A. Se sente só?	J. Acha que se tivesse sido um bom menino isso não teria acontecido?		
B. Se sente triste?	K. Acha que é culpa de alguém?		
C. É feliz?	L. Acha que algo de terrível está para acontecer?		
D. Acha que vai ficar bem?	M. Está com dor de estômago?		
E. Está com raiva?	N. Tem fome?		
F. Acha que seus pais não o querem mais bem?	O. Vai salvá-lo de uma dor de cabeça?		
G. Acha que não está acontecendo nada?	P. Não responde		
H. Tenta não mostrar o que evidencia?	Q. Não sabe		
I. Não se importa nada?	R. Acha que a mãe está preocupada?		
S. Está preocupado pela mãe.			

Formulário de Respostas I			
Separation Anxiety Test			
Sexo:	Idade:	Data:	Hora:
Pergunta II: Por que você acha que ela(e) se sente assim?			
G1\B1			
G2\B2			
G3\B3			
G4\B4			
G5\B5			
G6\B6			

<i>Formulário de Respostas I</i>			
<i>Separation Anxiety Test</i>			
Sexo:	Idade:	Data:	Hora:
Pergunta III: O que você acha que a(o) menina(o) está fazendo agora?			
G1\B1			
G2\B2			
G3\B3			
G4\B4			
G5\B5			
G6\B6			

<i>Formulário de Respostas I</i>			
<i>Separation Anxiety Test</i>			
Sexo:	Idade:	Data:	Hora:
Perguntas IV			
Na sua opinião, o que fará a criança quando revir os pais?			
G1\B1			
G2\B2			
G3\B3			
G5\B5			
Na sua opinião, o que fará a criança ao se reaproximar dos pais?			
G4\B4			
Na sua opinião, o que fará a criança se a mãe decidisse ficar no quarto?			
G6\B6			

<i>Formulário de Respostas I</i>			
<i>Separation Anxiety Test</i>			
Sexo:	Idade:	Data:	Hora:
Perguntas IV			
Lista de Respostas Possíveis			
b) “Diz para a mãe\pais que estava se sentindo só e corre para os braços.” ou “Se foi bom, diz a mãe quanto foi divertido.”			
c) Fica tão bravo que não quer que sua mãe o abrace.			
a) Não dá atenção e continua a brincar.			

Tabela de Pontuação		
<i>Codificação das reações emocionais. Categorias e classes, que trazem as respostas dos sujeitos, pontuando as relacionadas.</i>		
Categoria de resposta	Classe	
1. <i>Solidão</i>	Apego	S: +2
2. <i>Tristeza</i>		M: +1
3. <i>Recusa</i> (“o genitor não o ama mais”)	Falta de Auto-Estima	-2
4. <i>Censura</i> (“se ele tivesse sido um bom menino tudo isso não aconteceria”)		
5. <i>Raiva</i> (“está com raiva” – “está fazendo capricho”)	Hostilidade	-1
6. <i>Culpa os outros</i> (“é culpa de alguém”)		
7. <i>Bem-estar</i> (“bem” – “está passando bem” – “está bem” – “está feliz”). <i>S₁: Bem-estar para situação externa</i> (“é bom porque ele joga com sua tia”)	Confiança em si mesmo	S: -2 M: +2 S ₁ : -1
8. <i>Descrença</i> (“não está acontecendo nada” – “acho que não é verdade que isto está realmente acontecendo”)	Evitamento	-2
9. <i>Evitamento</i> (“tenta não mostrar pra ele como se sente” – “pensa em esconder” – “não é porque você sente que há alguma coisa” – “é bom porque os pais vão embora”)		
10. <i>Evasão</i> (“não se importam” – “não se importa” – “eu não sei”), <i>não responde</i>		
11. <i>Medo Generalizado/Ansiedade</i> (“sente que algo ruim está para acontecer”, medo de escuro, de fantasma, de monstro, de novidades, de animação, “curioso sobre os que os pais dizem”)	Ansiedade	+1
12. <i>Reação Somática</i> (“tem uma dor de estômago, dor de cabeça, está doente, não está bem”)		
13. <i>Fome</i> (“começa a comer, faminto”)		
14. <i>Medo de catástrofe / Medo irracional</i> (de ladrões, de assassinos, de ser raptado, dos pais serem assassinados, acha que a mãe está com medo, se sente doente)	Ansiedade incontrolável, angústia	
15. <i>Preocupação Inversa</i> (“acha que a mãe está chateada” – “está preocupado com a mãe e acha que pode ser assassinado”)		
16. <i>Respostas Incomuns</i> (“está contente que os pais vão embora, ele odeia” – “está com raiva porque sabe que os pais nunca vão voltar, brinquedos quebrados, e coloca veneno na comida”)		
17. <i>Respostas Confusas</i> (“se a tia é ruim, está com medo, se é boa, está inicialmente preocupado, pois se diverte” – “sente a falta, não prova nada, é atormentado e preocupado” – “quer estar perto da mãe, ou está cansado ou pensa que foi abandonado”)	Confusão	-2

Se der mais de duas respostas, para cada uma subsequente, pontuar -1 para cada. Se forem mais de 5, pontuar -2 para cada.

Separation Anxiety Test – Attili 2001

Assunto:

Idade:

Data de Nascimento:

Classe:

Classificação

Pontuação

- Apego Inseguro Ansioso -----

- Apego Inseguro Evitante -----

- Apego Seguro -----

- Apego desorganizado -----

Norma para atribuição de pontos

- Apego = M: +1 \ S: +2
- Confiança = M: +2 \ S: -2 \ S₁: -1
- Hostilidade = -1
- Perda da auto-estima = -2
- Evitamento = -2
- Ansiedade = +1 (terceira e quarta resposta: -1 \ quinta e sexta resposta: -2)
- Angústia = -2
- Confusão = -2

Pontuação de cada tipo de Apego

Apego Seguro: +4 ↔ em diante.

Apego Inseguro Ansioso: +3 ↔ +1.

Apego Inseguro Evitante: 0 ↔ -2.

Apego Desorganizado: -3 ↔ em diante.

Tabela de Pontuação - SAT

Item	Apego	Perda da auto-estima	Hostilidade	Confiança	Evitamento	Ansiedade	Angústia	Confusão		
B1\G1 S										
B2\G2 M										
B3\G3 S										
B4\G4 M										
B5\G5 S										
B6\G6 M									Resposta da Atividade	Pontuação Total
Pontuação										

Resposta de Atividade: atribuir -1 a pelo menos três respostas de atividades inapropriadas

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Termo destinado à pesquisa “O Apego e a Compreensão das Emoções: relações” para ser assinado pelos pais dos participantes.

Projeto de pesquisa: A influência das relações de Apego entre pais e filhos na Compreensão das Emoções pelos filhos

Pesquisadora responsável: Thaís Sampaio Furtado de Vasconcelos

Endereço: Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, av. Acadêmico Hélio Ramos s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), 8º andar, cidade universitária, Recife,

Fone: 2126-8270

E-mail: thaissfurtado@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa:

Endereço: Avenida da Engenharia s/n – 1º andar, Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, tel: 2126 8588.

Prezado(a) Colaborador(a),

Sou estudante de mestrado da Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Estou realizando uma pesquisa sob supervisão do professor Antonio Roazzi, Dr. (roazzi@gmail.com), cujo **objetivo** é compreender como as relações de Apego entre os pais e filhos e a forma como eles respondem as necessidades de seus filhos influem na maneira como as crianças compreendem, controlam e demonstram suas emoções. Você, seu(sua) companheiro(a) e seu(sua) filho(a) estão sendo convidados(as) a participar desta pesquisa.

Caso você concorde em participar, deverá permitir que seu(sua) filho(a) participe do preenchimento de três testes propostos. Os testes das crianças envolvem ouvir histórias utilizando um computador e ouvir histórias contadas pelo pesquisador. Após cada história a criança deverá dizer como o personagem se sentiu em cada situação.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não mais permitir que seu(sua) filho(a) participe, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade e de seu(sua) filho(a) será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a), bem como a seu(sua) filho(a). Todo o material ficará em posse da pesquisadora responsável em um armário fechado do Núcleo de Pesquisa em Epistemologia Experimental e Cultural (NEC), vinculado à Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva UFPE, impedindo que outras pessoas tenham acesso aos seus conteúdos. Todas as informações neste estudo são confidenciais. Os dados encontrados quando forem utilizados para fins de

publicação ou de apresentação – em contextos acadêmicos e/ou de ensino - não serão identificados. *Com isso queremos deixar claro que a identidade de suas informações estará sendo cuidadosamente resguardada.*

Estando ciente da possibilidade de riscos e desconfortos que podem ser gerados por esta pesquisa em termos de constrangimentos, chamar a atenção para problemas desconhecidos ou o surgimento de assuntos que se prefira não mencionar, acerca dos temas que serão abordados por poderem tratar de assuntos íntimos e significativos, poderá a qualquer momento solicitar que se finalize a pesquisa, podendo a criança se indispor a responder e que será prontamente atendida.

Como benefício direto, você poderá compreender como sua forma de tratar seu(sua) filho(a) afeta o desenvolvimento social e cognitivo dele(a). Indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Não haverá nenhum tipo de despesa nem de retorno financeiro ao aceitar participar desta pesquisa.

Caso exista alguma dúvida que deseje esclarecer antes de decidir sobre sua participação nesta pesquisa, ou mesmo durante o procedimento da coleta dos dados, você poderá fazê-lo a qualquer tempo. Deixamos claro ainda que, em qualquer momento você poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa indicado no início deste termo para saber da validade desta pesquisa.

Atenciosamente.

Permito que meu(minha) filho(a) participe e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

Nome do(a) filho(a)

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis **riscos e benefícios da participação** no mesmo, junto ao participante.

Pesquisadora

1ª testemunha

2ª Testemunha